

INSTITUTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA DE GOIÁS  
BACHARELADO EM TEOLOGIA

LUCAS DE SOUSA LOBO

**UMA LEITURA FRANCISCANA DO ENVIO MISSIOLÓGICO NA PERSPECTIVA  
DOS EVANGELHOS SINÓTICOS (LC. 10, 1 – 16; MT. 28, 16 – 20)**

Goiânia  
2022

LUCAS DE SOUSA LOBO

**UMA LEITURA FRANCISCANA DO ENVIO MISSIOLÓGICO NA PERSPECTIVA  
DOS EVANGELHOS SINÓTICOS (Lc. 10, 1 – 16; Mt. 28, 16 – 20)**

Trabalho de Conclusão apresentado ao curso de Teologia do Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Teologia.

Orientador: Dr. Frei Flávio Pereira Nolêto, OFM

Goiânia  
2022

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

---

Dr. Fr. Flávio Pereira Nolêto, O.F.M.

---

Frei Ronildo Arruda de Souza, OFM

---

Frei Paulo Sérgio de Souza, OFM

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, Divino de Sousa Lobo e Carmosina Maria de Paula Sousa (*in memoriam*). Que em suas vidas se dedicaram a cuidar de mim e de minhas irmã Daniella e Rafaella, ensinando a nós os valores cristãs e morais na qual hoje estamos vivendo e colocando em pratica. Em decorrência da covid 19, ambos não estão entre nós. Mais sei que estão olhando por mim e torcendo para o sucesso de minhas decisões e projetos. Essa e a minha gratidão a vocês meus queridos Pais.

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço primeiramente ao bom Deus, por me conceder o dom da minha vida e da minha vocação, e que desde o início da minha jornada como franciscano força e coragem para ir adiante. Aos meus familiares, em especial minhas irmãs Daniela e Rafaela juntamente com meus cunhados Edinan e Willian e aos meus sobrinhos que desde o início e apoiaram e apoiam nas decisões e minha vida. Não posso deixar de agradecer imensamente aos meus pais Divino e Carmosina que através de suas orações eu me mantenho firme no meu chamado, eles hoje se encontram na pátria celeste intercedendo por mim. Agradeço à Província do Santíssimo Nome de Jesus do Brasil e à toda Ordem dos Frades Menores que me acolheram como frade menor me agregando a grande família franciscana. Agradeço aos confrades Frei Marco Aurélio nosso anterior ministro provincial pelo apoio e ao atual ministro provincial Frei Carlos Antônio pelo incentivo e também a todos os frades de nossa província pelo incentivo e orações. A minha fraternidade São Francisco de Assis-Goiânia pela colaboração e apoio na concretude desse trabalho. Agradeço aos meus leitores, Frei Ronildo Arruda, OFM e ao Frei Paulo Sergio, OFM, que com muita disposição e carinho aceitaram esse ofício. Agradeço aos meus colegas de turma e a todo o corpo docente que me ajudaram em minha formação acadêmica. E, por fim, agradeço também ao meu orientador, Frei Flávio Nolêto, OFM, que com disponibilidade e paciência, me acompanhou de forma fraterna na realização deste trabalho.

Paz e bem!

“Conheço o Cristo Pobre e crucificado  
e isto me basta”.

São Francisco de Assis

## RESUMO

Esta pesquisa é uma leitura franciscana do envio missiológico na perspectiva dos evangelhos sinóticos (Lc 10,1-16; Mt 28, 16-20), que aborda no campo da teologia, tratando de ser um estudo da missão da igreja, sua expansão e o modelo de evangelização franciscana. Este trabalho trouxe as seguintes perguntas problema: Como o agir franciscano pode responder à missão e à evangelização nos dias atuais, fazendo discípulos de Jesus? Que métodos e formas de evangelizar foram e são eficazes na missão franciscana no mundo atual? Qual a contribuição da Missiologia Franciscana para o mundo e para a Igreja hoje? O agir franciscano nós encontramos, inspirados em Jesus, no Evangelho de Mateus, Lucas, nas ações missionárias dos Atos dos Apóstolos, em Paulo e nos discípulos, no início da Igreja. Ao longo da história, a Igreja foi crescendo e tendo a ajuda dos padres da Igreja e seus ensinamentos, até no tempo de São Francisco, com a fundação da Ordem Franciscana, as primeiras missões e a expansão da missão franciscana pelo mundo. Os métodos utilizados pela Igreja são os mesmos que Jesus utilizou e que até hoje nos inspiram, inclusive outros atualizados pela igreja, tais como apontado pelo Papa Francisco na Igreja em saída. Os métodos que a espiritualidade franciscana utiliza está baseada em Jesus Cristo, perpassando pela minoridade, o trabalhar com as mãos, anunciar a paz, alegria e ser uma fraternidade evangelizadora. A missionaridade franciscana tem uma grande importância para a Igreja e para o mundo.

**Palavras-chave:** missão, Igreja, espiritualidade franciscana.

## RESUMEN

Esta investigación es una lectura franciscana del envío misional desde la perspectiva de los evangelios sinópticos (Lc 10,1-16; Mt 28,16-20), que se plantea en el campo de la teología, pretendiendo ser un estudio de la misión de la iglesia, su expansión y también el modelo de evangelización franciscana. Este trabajo trajo las siguientes preguntas problema: ¿Cómo el proceder franciscano, puede responder a la misión y a la evangelización hoy en día, haciendo discípulos de Jesús? ¿Qué métodos y formas de evangelizar fueron y son efectivos en la misión franciscana en el mundo de hoy? ¿Cuál es el aporte de la Misionología Franciscana al mundo y a la Iglesia de hoy en día?. Encontramos la acción franciscana, inspirada en Jesús, en el Evangelio de Mateo, Lucas, en la acción misionera de los Hechos de los Apóstoles, en Pablo y en los discípulos, al comienzo de la Iglesia. A lo largo de la historia, la Iglesia ha ido creciendo y con la ayuda de los Padres de la Iglesia y sus enseñanzas, aun en tiempos de San Francisco, con la fundación de la Orden Franciscana, las primeras misiones y la expansión de la misión franciscana por el mundo. Los métodos usados por la Iglesia son los mismos que usó Jesús y que hasta hoy nos inspiran, incluso otros actualizados por la iglesia, como los señalados por el Papa Francisco en la Iglesia saliente. Los métodos utilizados por la espiritualidad franciscana se basan en Jesucristo, pasando por la minoridad, trabajar con las manos, anunciar la paz, la alegría y siendo una fraternidad evangelizadora. La misionariedad franciscana es de gran importancia para la Iglesia y para el mundo.

**Palabras-clave:** misión, iglesia, franciscanismo.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1 O CONCEITO DE MISSIOLOGIA, HISTORIA NA IGREJA E MISSÃO FRANCISCANA.....</b>	<b>12</b>
1.1 CONCEITO DE MISSIOLOGIA.....	12
1.2 BREVE HISTORIA DA MISSÃO DA IGREJA.....	14
1.3 HISTORIA DA MISSÃO FRANCISCANA.....	19
<b>2 O ENVIO MISSIONARIO NOS EVANGELHOS SINOTICOS MT 28, 16-20 E LC 10, 1-11.....</b>	<b>25</b>
2.1 MISSÃO NO EVANGELHO DE MT 28, 16-20.....	25
2.1.1 A Montanha: Lugar da Partida .....	26
2.1.2 A Fé e a dúvida dos discípulos.....	27
2.1.3 A Autoridade é Universal.....	28
2.1.4 O Incentivo de Jesus ao Discípulos.....	30
2.2 A MISSÃO NO EVANGELHO DE LC 10, 1-11.....	31
2.2.1 Os Perigos na Missão.....	32
2.2.2 Ide: O Envio e a Saudação.....	33
2.2.3 Quando não é bem recebidos.....	34
2.3 MISSÃO NOS ATOS DOS APÓSTOLOS (EVENTO PENTECOSTES) AT 2, 1-13.....	35
<b>3 REFLEXÕES PARA UMA NOVA MISSIOLOGIA.....</b>	<b>38</b>
3.1 A PROPOSTA MISSIONARIA DA IGREJA HOJE.....	39
3.2 O A MISSIONARIDADE FRANCISCANA.. ..	42
3.2.1 Fraternidade evangelizadora.....	43
3.2.2 a minoridade, humildade e alegria franciscana.....	44
3.2.3 Trabalho com as Mãos.....	45
3.3 VINHO NOVO EM OBRES VELHOS.....	46
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>51</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>53</b>

## INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho: uma leitura franciscana do envio missiológico na perspectiva dos evangelhos sinóticos, aborda uma temática missiológica, que é um campo da teologia, que trata do estudo das missões da Igreja. Como se deu o seu início e a expansão da evangelização no mundo. E um dos marcos na missionaridade, foram os frades franciscanos, que desde os seus primórdios saíram para evangelizar, saindo de dois a dois, pregando e evangelizando a todos.

O interesse por este tema é dar ênfase principalmente nas missões nos evangelhos de Mateus e Lucas e o início da Igreja principalmente as missões, segundo Atos dos Apóstolos. Também mostrando como se deu o chamando de Francisco de Assis, a chegada dos primeiros companheiros, o crescimento do números dos frades e o envio para a missão.

Sendo assim, é proposto o seguinte problema: como o agir franciscano pode responder à missão e a evangelização nos dias atuais, fazendo discípulos de Jesus? Que métodos e formas de evangelizar foram e são eficazes na missão no mundo atual? Qual a contribuição da Missiologia Franciscana para o mundo e para a Igreja hoje? Vale destacar que tais indagações é de uma extrema relevância.

Posto tais questionamentos, a presente obra teve como objetivo geral nos dirigir a uma profunda reflexão sobre o cenário da missionaridade, tendo como ponto de partida a reflexão da missão e evangelização do mandato de Jesus “ide e fazei discípulos meus” (Mt. 28, 19) e também no envio que o Senhor fez aos setenta e dois discípulos; “o Senhor designou outros setenta e dois, e os enviou à sua frente, a toda cidade e lugar onde Ele próprio deveria ir” (Lc. 10, 1), sob a perspectiva franciscana do anúncio do Evangelho, da paz, do bem e da justiça.

A escolha do tema se deu mediante aulas do curso de missiologia, onde gerou motivação para compreender a relação missionário na igreja, na espiritualidade franciscana e no mundo atual.

Para alcançar tais fins, a metodologia utilizada neste pesquisa ocorreu primeiramente pela revisão bibliográfica perpassando livros da teologia, da exegese bíblica, documentos da Igreja, da Ordem dos Frades Menores, Fontes e documentos Franciscanos.

Assim sendo, o trabalho se estrutura em três capítulos, subdivididos consequentemente, em tópicos. O primeiro capítulo perpassamos pelo conceito da

Missiologia, compreendendo o sentido da palavra, podendo-se afirmar a importância da Missiologia na história da Igreja. Após entender o conceito da palavra Missiologia, percorremos pela história da Missão da Igreja, ressaltando a figura de Paulo de Tarso que foi o incentivador para a missão que vai para todos os cantos do mundo. Depois da sua morte, deu-se o seguimento nas missões, desbravando o mundo, até se chegar a época medieval, onde nascia uma pessoa que se tornou importante para toda a Igreja, como também em sua ordem, que alavancou a missionaridade expandido a presença minorítica por toda parte, que foi São Francisco. Este é apresentado através de sua história, na fundação da Ordem dos Frades Menores, nas primeiras missões, os primeiros Mártires, a aprovação da regra bulada e sua entrega à irmã morte, deixando a continuação de sua missão para os frades presentes da época e os futuros.

O segundo capítulo abordar sobre o envio de Jesus que faz aos apóstolos nos Evangelhos de Mateus e Lucas, e também o episódio de pentecoste que é narrado no livro dos Atos. O evangelista Mateus, descreve a despedida de Jesus aos discípulos e o envio dos mesmo na missão de pregar o Evangelho e batizar aqueles que acreditam, esse fato ocorreu na Ascensão de Jesus aos Céus. Já em Lucas temos o envio dos setenta e dois discípulos para os lugares onde Jesus não conseguia ir, e frisando as recomendações e cuidados que terão na missão. Observando esse cenário, no Atos dos Apóstolos, temos o evento do Pentecostes, o nascimento da Igreja, e a expansão da missionaridade dos cristãos.

No terceiro, veremos a proposta da Igreja, o que os Papas atuais vão falar sobre o tema da missão por toda a Igreja. Neste sentido, discorreremos sobre a proposta Franciscana, dando ênfase no que a Ordem propõem no campo da missiologia. E por fim os resultados nas fraternidades evangelizadoras e como está caminhando a ordem na missionaridade.

# 1 O CONCEITO DE MISSIOLOGIA E COMO SE DEU O INICIO NA MISSÃO DA IGREJA E NA ORDEM FRANCISCANA

## 1.1 CONCEITO DE MISSIOLOGIA

Para entender o significado da palavra ‘Missiologia’ devemos compreender primeiramente a palavra “Missão”. Em seu significado epistemológico, quer dizer “enviar”, sentido que exprime um caráter de dever de diversos modos na vida cotidiana. A origem da Missão tem como fonte sólida a pessoa de Jesus, na qual o projeto de Deus perpassa pelo amor.

No dicionário Aurélio a palavra Missão significa: “Função ou poder que se confere a alguém para fazer algo; encargo, comissão diplomática, obrigação, dever, instituição de missionários para pregação da fé cristã”. (AURELIO, 2000, p. 465). Já no dicionário Franciscano Missão:

Aparece no sentido hodierno em que o empregamos, por volta da metade do século XVI; F. fala apenas e, ‘ir para entre os sarracenos e outros infiéis’: 437. Foi como uma espécie de ideia fixa que nasceu em F. juntamente com sua vocação: chamados e enviados em benefício e salvação de todos os homens: 437, para partilhar com eles a m. salvífica de Cristo, o Bom Pastor que deu a vida por nós, aceitando voluntariamente fadigas, tribulações, morte em espírito de paciência. (1999, p. 887).

A missão é fundamental para a vida da Igreja, inclui não somente no crescimento da mesma, mas, na urgência da evangelização, como nos relata a Prof.<sup>a</sup> Eliete: “sendo um trabalho diário da mesma com o cuidado pastoral, tendo como fim mundial” (NEVES, 2009, p.7). A Igreja precisa que haja relações nos mais diversos ministérios existentes, pois, tem que condizer no âmbito da missão, que se possa expressar em sua própria organização como Cristo ensinou com o envio à missão, como relata o Evangelista Mateus. 28, 18-20: “Ide e fazei discípulos todos os povos, batizando-os em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo e ensinando-os a observar tudo o que ordenei!”.

Este é o envio missiológico de Jesus aos seus discípulos. Na perspectiva eclesiológico o envio tem por objetivo na perspectiva eclesiológica, tem por objetivo colocar o Reino de Deus como o projeto que fundamenta a caminhada do povo escolhido por Deus para ser evangelizado, e para anunciar o Reino, a Justiça o Bem.

A missão advém da ressurreição, desta forma, podemos enumerar várias partes que indica que o próprio Cristo enviou os discípulos após o evento da

ressurreição para ir em missão, como por exemplo Maria Madalena quando encontra o Senhor ressuscitado, como nos narra Jo. 20, 17-18:

Jesus disse: 'não me sequeis. Ainda não subi para junto de meu Pai. Mais, vai dizer aos meus irmãos: subo para junto do meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus'. Então Maria Madalena foi e anunciou aos discípulos: 'Eu vi o Senhor!', e contou o que Jesus lhe tinha dito.

Desta maneira, o Evangelista liga a ressurreição com a missão, Maria Madalena, recebe a missão de anunciar aos discípulos sobre a ressurreição do Senhor. Também encontramos o envio dos discípulos de Emaús, que abriram os olhos quando Jesus partiu e pão e logo desapareceu e correram para anunciar o Cristo ressuscitado aos discípulos, conforme o Evangelho de Lc. 24, 30-34. A Missão nos traz a cura e ao mesmo tempo a alegria e a criatividade, como nos relata o Pe. Luís Mosconi:

Liberta do medo, da covardia, do acanhamento. A Missão torna as pessoas mais criativas, mais fecundas, mais abertas. A missão-testemunho ressuscita pessoas e comunidades. O missionário é uma pessoa realizada e feliz. Caminha pelas estradas da vida, vendo barreiras e fronteiras. Não há missão sem profecia, pois vivemos num mundo marcado pela ditadura da mentira, da opressão, da exploração, da ambição. Portanto, não há missão sem conflitos, sem cruz (MOSCONI, 2011, p. 322).

Contudo, a Missão nos ajuda a amadurecer na caminhada, com os sofrimentos e angústias, mas, dá coragem para ser profetas, para levar a boa notícia do Reino de Deus a todos. Isso mostra que para sermos missionários e abraçar a missão devemos ter coragem e afastar o medo, acreditar no Senhor que nos chamou e no envia ao ser missionários do seu Evangelho.

Neste sentido adentramos ao conceito de missiologia partindo da ideia Bíblica, que se constitui o âmago da pregação de Jesus Cristo, desde o início de seu ministério (cf. Neves, 2009, p.17). A missiologia tem o propósito de preparação metodológica e sistemática da missão para todos, com isso, há dois aspectos principais na vida da Igreja: Missão e Missiologia.

A Missiologia ajuda a Igreja a levar em contexto missionário, de tal modo que o Evangelho seja transmitido mais claramente em relação a audiência, isto é, em relação a Deus. Então a missiologia é uma ciência interdisciplinar, que se pode aplicar em cada disciplina Bíblica e Teológica. Assim, a Prof<sup>a</sup> Neves explica que:

E esta aplicação é empregada em um dado momento histórico e cultural. O ponto mais alto (culminante) e integrador de todas as outras disciplinas de missiologia, que é a reflexão sobre a identidade e a tarefa missionária, a qual, muitas vezes, está isenta dos currículos dos seminários, pois é esta disciplina que, mais do que qualquer outra, leva o estudante à ação (2009, p. 18).

A missiologia se fundamenta em uma visão global do mundo, se torna uma comunhão e participação. Assim, ao longo da história Jesus, em seus ensinamentos e em seu exemplo, mostrou a ação missionária, como diz professora Neves:

A História das Missões começa com Jesus Nazaré e seus ensinamentos a respeito de um Deus único. Tudo está escrito nos Evangelhos e como parte integrante do Novo Testamento. Com isto, o Cristianismo torna-se a maior religião monoteísta do mundo, com 2,13 bilhões de adeptos. Predomina na Europa, na América, Oceania e em boa parte da África (2009, p. 19).

Isso se estende ao mundo como modo de evangelização mais audaz, se integra à ação profética. A missionaridade da Igreja está ligada em diversos setores da ação pastoral e ministerial, e também em vários continentes do mundo inteiro através da ação evangelizadora, atingindo assim, todos os povos.

Portanto a Missiologia se torna uma das matérias fundamentais para a história da Igreja e para a história de toda a ação missionária. Assim, se torna um surgimento para uma viva experiência de fé em Jesus Cristo, que nos proporciona a salvação a todos que creem n'Ele. Esta dimensão nos leva a uma experiência de conhecimento da história de toda a Igreja.

## 1.2 BREVE HISTÓRICO DA MISSÃO DA IGREJA

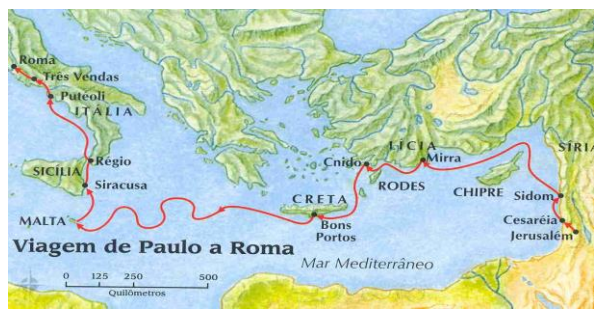
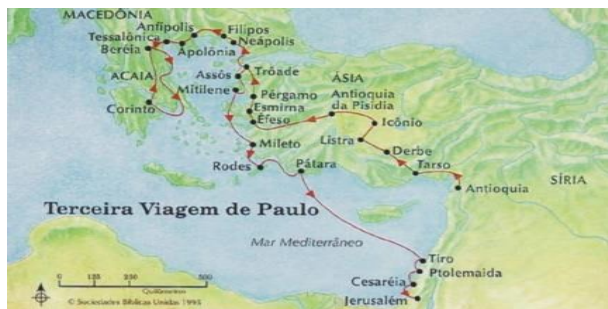
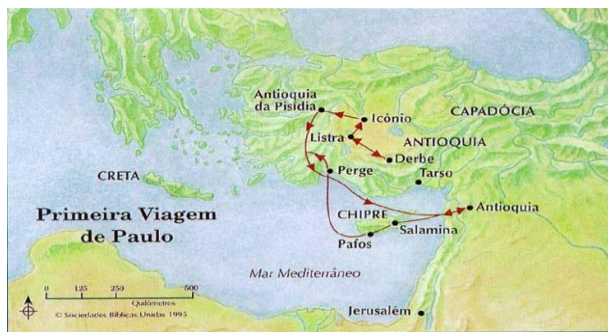
A trajetória da missão dos Apóstolos começa com o envio que Jesus faz no dia de sua Ascensão aos céus, como nos relata no Sinóticos e nos Atos. Após a descida do Espírito Santo sobre a Bem-Aventurada Virgem Maria e os Apóstolos no dia de Pentecostes, nestes episódios, vemos a Igreja nascer e partir para Missão. A Missão dos Apóstolos, é árdua, mais cheia de significado, pois, Eles os homens que seguiram Nosso Senhor, não temeram a morte e receberam a palma do Martírio e que hoje é lembrado pela Igreja que os mesmo fundamentaram com uma alicerce sólido embasado nos costumes que Jesus ensinou.

Paulo de Tarso, Judeus convertido ao seguimento de Jesus conforme o relato dos Atos dos Apóstolos 9, torna-se grande pregador do Evangelho de Jesus formando

um grupo missionário inicialmente Barnabé (At. 13, 1-51). Posteriormente, Paulo se separa de Barnabé (At. 15, 36-41) e se une a Timóteo (At. 16). E a partir dessas missões que as Igrejas, por exemplo, Listra e Icônio, são “fortalecidas na fé e crescem numericamente a cada dia”. Na missão de Tessalônica, (At. 17) se associam a Paulo e a Silas outras pessoas. Em Corinto, viagem que Paulo faz saindo de Atenas “ai encontrou um judeu chamado Áquila e sua mulher Priscila (At. 18). E aqui nesta missão propriamente dita que as mulheres integram ao grupo apostólico missionário da Igreja nascente, fortalecendo a diaconia.

O capítulo vinte e um narra o retorno de Paulo, que já tinha passado em Éfeso e Chipre, agora ele retorna a Jerusalém. Neste contexto de viagens e prisão, que Paulo escreverá as suas cartas. Cartas voltadas às comunidades como instrução e forma de vida.

**Viagens De Paulo de Tarso<sup>1</sup>:**



Cartas de São Paulo – um jeito missionário de evangelizar<sup>2</sup>:

Destinatários	Data	Local	Autores
Tessalonicenses	51	Corinto	Paulo, Timóteo e Silva, 1Ts, 1,1
1ª Coríntios	Entre 54 e 56	Éfeso	Paulo e Sóstenes, 1Cor,1,1

<sup>1</sup> [www.google.com.br](http://www.google.com.br) extraído em 03 de abril de 2022, às 10h51

<sup>2</sup> Apostila de Estudos Teológicos – UCDB – 2019.

Gálatas	Entre 54 e 56	Éfeso	Paulo e os irmãos, Gl.1,2
Filipenses	Entre 54 e 56	Éfeso	Paulo e Timóteo, Fl.1, 1
Filemon	Entre 54 e 56	Éfeso	Paulo e Timóteo, Fm. 1,
2ª Coríntios	Entre 55 e 56	Éfeso e Macedônia	Paulo e Timóteo, 2Cor. 1,1
Romanos	56	Corinto	Paulo e 'equipe' Rm 16, 21-23

Para Paulo de Társo, missão é antes de tudo evangelizar. E evangelizar significa anunciar por vida e testemunho, no modo de agir do missionário “o plano salvífico do Pai – Realizado por Cristo” (COPPI, 1983, p. 12). No livro dos Atos dos Apóstolos, narrativa da Igreja nascente, temos o retrato de uma Igreja: “que nasce pela força de Cristo Ressuscitado e vivo, e animada pelo Espírito Santo. E uma Igreja anunciada pelo espírito missionário” (COPPI, 1983, p. 16). Essa Igreja nascente tem seu fundamento no Evangelho, na Cruz, na Eucaristia, nos dons e carismas (1Cor. 12, 1-31).

Conforme Coppi (1983, p.21), o primeiro século do cristianismo tem dois centros de irradiação: dos anos 30 a 40 d.C, Jerusalém e o grande centro do cristianismo dos anos 40 à 60 Antioquia é o centro de envio missionário para a difusão do Evangelho entre os pagão, tendo na pessoa de Paulo o grande mensageiro como pessoa presente, missionário, e escritor; assim, suas cartas circulam antes que os Evangelhos.

A partir da morte dos apóstolos, expansão da mensagem evangélica que leva as pessoas a conversão e ao batismo, inicia-se as perseguições e o martírio. Essas perseguições cessam no ano de 313 d.C com o imperador Constantino não só regulariza por decreto o cristianismo como religião, como da liberdade ao culto, essa liberdade ao culto traz o descuido da fé e conseqüentemente um anseio profundo das pessoas batizadas querendo voltar a mensagem primitiva e cristã. É o início da vida no deserto.

Tem-se, então, de 313 d.C até o século XI grandes ações missionárias instrutivas ao povo, exemplo: surgimento da Didaqué<sup>3</sup>, e mensagens “de grandes

---

<sup>3</sup> Didáqué = catecismo dos primeiros cristãos. Significa “instrução” ou “doutrina”. É um escrito que data de fins do século I de nossa era cristã. É um manual da religião, a instrução dos doze Apóstolos, e se



bispos que promoveram a atividade missionária. Exemplo: São Martinho (França), São Patrício (Irlanda)” (COPPI, 1983, p.21).

Assim, também, frente às heresias que se desenvolveram nesse período a Igreja, na celebração dos Concílios, foi reafirmando a doutrina e a dogmática da fé, a exemplo: Concílio de Jerusalém; Concílio de Nicéia (325); Constantinopla (381); Éfeso (431); Calcedônia (451). Os Concílios, em especial o de Nicéia e Constantinopla que determinaram a fórmula do Símbolo da Fé Cristã, reafirmaram os dados da fé e dos dogmas, a exemplo: Santíssima Trindade, a Eucaristia (sacramentos), a Ressurreição, bem como os dogmas marianos.

Das heresias surgidas, Ário, padre muito austero da Igreja de Alexandria, passou a questionar alguns dogmas da fé cristã, e da Igreja, está com pouco mais de três séculos de existência. Seu pensamento foi rebatido por Alexandre, então bispo do mesmo território de Ário, não aceitando Alexandre o posicionamento teológico do padre.

<b>Ário</b>	<b>Alexandre</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• O Verbo não coexistiu por toda a eternidade com o Pai.</li> <li>• O Verbo foi criado do nada.</li> <li>• O Verbo não é Filho por natureza nem Filho propriamente dito do Pai.</li> <li>• A natureza do Filho não procede da do Pai.</li> <li>• O Verbo começou a existir por um ato da vontade do Pai.</li> <li>• O Verbo é, por natureza, sujeito à mudança, física e moralmente.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O Verbo coexiste com o Pai desde o começo.</li> <li>• O verbo não foi criado; foi ele quem tudo criou.</li> <li>• O Verbo é Filho, não por adoção, mas por natureza.</li> <li>• O Filho possui uma natureza igual à do Pai.</li> <li>• O Verbo existe pela comunicação da essência do Pai.</li> <li>• O Verbo, em função de sua natureza divina, não está sujeito à mudança nem ao sofrimento.</li> </ul>

Livro: História da Igreja I – das origens ao século XV – Jean Comby 1984, p. 90

Além de reafirmar a fé, a Igreja testemunhou o nascimento da Vida Monacal, logo após os eventos das perseguições do Império Romano aos cristãos, o martírio, o reconhecimento do cristianismo como religião oficial por Constantino (381), e a fuga de cristãos para o Deserto.

Nesse período (séculos IV a VI), além do fortalecimento da eclesiologia e da cristologia, surgiram também os grandes literatos, ou melhor, escritores, da Igreja. A escrita desses homens determinará textos litúrgicos, orações, e ensinamentos que

---

alicerça no Evangelho. É um escrito muito simples, humilde e profundo que mostra ao professante o caminho a seguir a Jesus é o caminho do amor. (Trad. Storniolo e Balancin, Paulus/SP, 2002).

vão nortear a vida da Igreja. Esses homens ficaram conhecidos como Padres da Igreja: Eusébio, Tertuliano, Orígenes, Irineu, Agostinho, Atanásio (COMBY, 1984, p. 105). No tocante a vida no deserto, cita-se de muita importância para a mística e a espiritualidade, Sinclética, mulher de grande espírito de oração, devoção, e mística. Um evento que marcará profundamente as missões tanto na Idade Média como na Idade Moderna será o surgimento do Islã, em 630. Assim como o judaísmo e o cristianismo, o islamismo é mais que religião, é a formação política, geográfica, ética e teológica de um povo. O Islã, fundamentado num Deus único, Alá, tem no Corão o livro Sagrado, e no profeta Maomé seu referencial.

Assim, as missões na Idade Medieval vão se ocupar de: anúncio do Evangelho, combate as heresias, pregação da conversão dos pagãos, e, em determinado momento, a Igreja imporá as Cruzadas como combate ao Islã, infiéis, e a Inquisição.

Nesse período medieval a Igreja formará aliança com o feudalismo, e conhecerá o florescimento da espiritualidade de vários novos grupos religiosos de inspiração monacal, a saber: Crucíferos, Valdenses, Templários, Franciscanos, Dominicanos etc. Tinham esses grupos o desejo de viver uma vida sob a fórmula evangélica. Recordando que já existiam os beneditinos, bem como as outras inspirações monásticas como Antão, Pacômio Basílio.

O feudalismo impôs a sociedade medieval o tratado de vassalagem, que de certa forma, esse espírito adentrou as abadias medievais aonde os monges serviam ao abade, ou prior. As abadias, nesse período, assumem grande importância na proteção a cultura litúrgica, na escrita de livros, na ajuda aos pobres<sup>4</sup>. A queda da Idade Média começa com a evolução copernicana, Nicolau Copérnico (1473 – 1543)<sup>5</sup>, matemático polonês que, de acordo a sua tese, o sol é o centro do universo, o heliocentrismo. Essa tese mudou a afirmação da Igreja Católica, o Teocentrismo.

Antes dessa revolução científica copernicana, outra evolução mexeu com a eclesiologia da Igreja. Em 1205 Francisco de Bernardone, jovem assisense, num processo de conversão, mudou a realidade da Igreja Romana. Uma vez convertido, assume, como leigo, o protagonismo da Vida Religiosa Consagrada – Apostólica. Ele, e os demais que seguiram essa fórmula de vida, fundamentou o carisma nascente na vida de penitência, no Evangelho, na Eucaristia, e no serviço ao próximo. Surgindo

---

<sup>4</sup> ECO, Humberto – O Nome da Rosa, ed. Nova fronteira, 1983.

<sup>5</sup> Cf. [www.google.com.br](http://www.google.com.br) extraído dia 08/07/2022

assim, na Idade Média, um novo modelo de Vida Religiosa Consagrada: a vida apostólica. E como missão inicial: cuidar dos irmãos leprosos, reconstruir a Igreja.

### 1.3 HISTÓRIA DA MISSÃO FRANCISCANA

Entre os anos de 1181-1182, nascia um menino cuja a família não era nobre, mas vinha de uma linhagem de comerciantes, seu nome era Francisco. Quando batizado recebeu o nome de João dado pela mãe, a Senhora dona Joana<sup>6</sup>. Mas seu pai, Pedro de Bernardone, ao regressar a Assis, após uma viagem de negócios na França, e ter ficado encantado com o país, trocou o nome de João para Francisco em homenagem a França, por sua beleza e pelos negócios. Neste mesmo período, nascia, na família Favarone, uma menina, da nobreza de Assis, seu nome era Clara, isso ocorreu no ano de 1194.

Francisco, no período da infância à juventude, leva uma vida calma e tranquila. Em sua juventude boêmia cultivava amizades que ele as considera com muita afinidade, Bernardo de Quintavalle, Rufino e Egídio, estes com Francisco se aventuram em uma vida de festa e alegria. Esse fato da amizade marcará profundamente, não só a vida de Francisco mais também desses jovens.

No ano de 1202, houve uma guerra em Assis, eram os aliados com Perugia e os burgueses de Assis. Francisco, com então vinte anos de idade, um jovem sonhador decide ir a essa guerra. Assis é vencida e Francisco é tido como prisioneiro; um ano depois seu pai o resgata, 1203. Após um ano na prisão sofre de uma longa doença. Depois de recuperar a sua saúde, ao final de 1204 e início de 1205 vai a guerra em Ápúlia (FONTES FRANCISCANS, 2004, p. 83).

Na cidade de Espoleto, tem um sonho em que Deus o questiona. “Francisco queres servir ao servo sou ao Senhor? O mesmo responde que é o Senhor. Então porque, buscas o servo no lugar do senhor? E Francisco perguntou: Senhor o que queres que eu faça? E o Senhor lhe disse: Volta para tua terra de teu nascimento, porque o cumprimento espiritual de tua visão acontecerá por meio de mim (Cf. FONTES FRANCISCANAS, 2004, p. 304). Conforme a cronologia da vida de Francisco, apresentada nas Fontes Franciscanas (2000, p. 45).

---

<sup>6</sup> Provável nome da mãe, conhecida pelo cognome de Pica.

No ano de 1204, com o espírito de combatente militar, vai a Apulia conforme narra Celano (1 C 1-6), no caminho no seu repouso noturno, Francisco teve um sonho aonde Deus o revela voltar para casa. Neste período, retornado para casa ele para de pegar em armas e muda “mentalidade e não exteriormente”. A partir desse momento Francisco “procurou orientar a sua vontade pela vontade de Deus”. Aqui começa o chamado e a conversão se Francisco.

Assim, Francisco retorna com essa inquietação em seu coração, para saber o que o Senhor quer dele. Em 1205, nas ruínas na capelinha de São Damião, ele tem uma conversa com o cruz de São Damião<sup>7</sup>, o crucificado move os lábios e fala a Francisco que ele deveria reconstruir a sua Igreja que estava em ruínas. Larrañaga vai dizer que:

Era um crucifixo diferente: não expressava dor nem causava pena. A figura de Jesus tinha uns olhos negros abertos, por onde se manifestavam a grandiosidade de Deus e os abismos da eternidade. Uma estranha combinação de doçura e de majestade envolvida toda a imagem, provocando confiança e devoção em quem o contemplava (2012, p. 67).

Francisco sem pensar duas vezes, vai e faz o que o Senhor lhe inspirou. LARRAÑAGA vai relatar que:

Nesse momento, sem que ninguém pudesse dizer como nem por onde, ouviu-se claramente uma voz que parecia proceder do Cristo: “Francisco, não vês que minha casa está ameaçando ruir? Corre e trata de repará-la”. Ele nunca tinha ouvido pronunciar seu nome numa tonalidade tão inefável, nem mesmo pela grande dama que era Dona Pica. O Senhor o chamara pelo próprio nome! Era prova de predileção (2012, p. 68-69).

Ouvindo a inspiração do crucifixo de São Damião, Francisco começa a sua vida como pedreiro livre reconstruindo Igreja, a saber: São Damião e Santa Maria dos Anjos. Neste mesmo tempo, ele se ocupa em atender os pobres chegando a pegar tecidos na loja do pai e vendendo-os doa o dinheiro aos pobres. Esse gesto de Francisco faz com que seu pai o leva à presença do bispo Dom Guido II, na praça de Assis, acusando-o de roubar.

---

<sup>7</sup> Cruz de São Damião: é um crucifixo bizantino. O crucifixo de São Damião reporta a literatura Joanina. Dele pode-se fazer a leitura dos amigos de Jesus: João, Maria mãe de Jesus, Maria de Ceofas, o centurião. No crucifixo encontram-se: a imagem dos apóstolos, dos anjos e arcanjos e símbolos da paixão do Senhor: a fogueira, o galo, a cor preta que nos lembra o túmulo, a cor vermelha que nos recorda o sangue do Senhor. É um crucifixo que recorda o Jesus Ressuscitado.

Era o ano de 1206, entre os meses de janeiro e fevereiro, (FONTES FRANCISCANAS, 2000, p. 45), tendo discutido com seu pai, sendo acusado de roubo, Francisco se despojou diante do bispo Guido II e toda a população de Assis, devolvendo ao pai todos os bens, e inclusive o próprio sobrenome. Logo após esse gesto, Francisco segue em ajudar os leprosos, vestiu um hábito de eremita e continuou o seu trabalho de restauração da igrejinha de São Damião. Pediu pedras para a Igreja e saiu a pregar sobre a Dama Pobreza.

No dia de São Matias, 24 de fevereiro do ano 1208, Francisco ouve, na igrejinha da Porciúncula, o Evangelho do envio apostólico. Trocou as vestes de eremita por um hábito rude em formato de cruz e tornou-se pregador itinerante. Aqui deu-se início da vida propriamente franciscana. No mesmo ano começou a chegar os primeiros companheiros, frei Bernardo de Quintavalle, frei Pedro Cattani e frei Egídio. E como já tinha um número bom, começaram a missão itinerante, que foram crescendo o número dos frades.

Tendo chegado no número de oito irmão, Francisco os reúne, os exorta a uma vivência evangélica e os envia, dois a dois, pelo mundo. A missão específica aqui é anunciar a paz e a penitência a todos os homens, conforme Celano 12:

[...] Ide, caríssimos, dois a dois, por todas as partes do mundo, anunciando aos homens a paz e a penitencia para a remição dos pecados; sede pacientes na tribulação, confiando que o Senhor vai cumprir o que propôs e prometeu. Aos que vos fizerem perguntas respondei com humildade, aos que vos perseguirem abençoai, aos que vos injuriarem e caluniarem agradecei, porque através disso tudo nos está sendo preparado um reino eterno [...] (FONTES FRANCISCANAS, 2000, p. 199).

A origem da missão dos irmãos da penitência e estritamente evangélica, e tem por finalidade o cultivo do Reino de Deus entre os homens. Reino de Deus que promova a paz e a dignidade entre todos.

Em 1209, Francisco escreve uma breve Regra, e vai a Roma com os onze companheiros e obtém do Senhor Papa a aprovação oral do modo de vida dos Frades Menores. Segundo Larrañaga vai dizer com detalhes de como foi a despedida do Papa a Francisco:

O papa Inocêncio levantou-se. Aproximou-se de Francisco. Convidou os outros a se achegarem, formando aquele conhecido pelotão. Sem deixar de apoiar sua mão carinhosamente no ombro de Francisco, disse: “Eu já sou velho, meu filho, quantas coisas não aconteceram nos últimos quinze anos! Os reis submeteram-se a nós. Os cruzados chegaram ao Santo Sepulcro. O

mundo obedece a nossa voz. Mas nem tudo foi triunfo. Tenho feridas aqui dentro que não deixam de sangrar. Quis ser santo, fui medíocre. Lutei para que os homens da Igreja fossem santos. Em vez disso, via a avareza e ambição levantavam baluartes por toda parte. [...] “Essa noite eu vi em sonhos, via com claridade do meio-dia [...] Estas poderosas torres de São João de Latrão começaram a curvar-se como palmeiras. [...] igreja ia ao chão, um homenzinho esfarrapado arrimou-a com os ombros, sustentou-a e impediu que a igreja viesse abaixo. [...] Era tu Francisco, filho de Assis e jogral de Deus”. [...] e anuncie que depressa vai chegar a era do Amor, da Alegria e da Paz. Depois de algum tempo, antes de minha morte, venham cantar-me as boas notícias, para consolação de minha alma. Deu-lhe a benção. Abraçou a cada um. E os irmãos foram embora. Saíram da cidade e voltaram para Assis (LARRAÑAGA, 2012, p. 237-240).

No sexto ano de sua conversão com o desejo de martírio Francisco empreende uma missão a Assíria, para anunciar o evangelho e pregar a fé aos infiéis. Esta missão foi frustrada, pois tendo Francisco embarcado os ventos sopraram contrário ao navio e eles foram ancorar em Esclavônia (FONTES FRANCISCANAS, 2000, p. 218). O desejo do martírio, sendo o sangue do mártir sendo a semente para novos cristãos, esteve muito presente na vida cristã medieval e na vida franciscana. A missão fundamentada no martírio acontecerá em 1220 na cidade de Marrakech com Frei Berardo e seus companheiros<sup>8</sup>.

Nos anos 1213/1215 ele se dirige a Marrocos para pregar aos sarracenos. Rotzetter vai dizer a respeito da missão, pois, Francisco foi para esse país com o espírito missionário:

Sobretudo o conceito da ‘missão’ passou a ser compreendido com maior profundidade: toda a Igreja é Missionária, toda a Família Franciscana tem se considerar enviada. Cada Irmão é missionário, cada irmã é uma missionária (2003, p.101).

Assim, Francisco compreende que o claustro do frade é o mundo, pois, o mundo precisa de pessoas que vivam bem o espírito missionário, como ele o fez, dando o testemunho para os sarracenos em Marrocos. Na Regra não Bulada capítulo 22 Francisco recorre ao evangelho para confirmar a nossa missionariedade no mundo: “como Tu me enviaste ao mundo, também Eu os enviei ao mundo” (FONTES FRANCISCANAS, 2005, p. 58 – mensageiro Santo Antônio). Ir a Marrocos, para Francisco, foi um dado missionário de levar o Evangelho a outra cultura, portanto, missão Inter cultural. Essa realidade missionária Francisco a engloba na regra bulada

---

<sup>8</sup> Próprio da Família Franciscana do Brasil, 1982, p.53. Celebração da Memória de São Berardo, Presbítero, e seus companheiros, protomártires da Ordem Primeira.

de 1223 no capítulo 12 onde ele vai relatar a condição dos irmãos que queiram ir pregar entre os sarracenos e outros infiéis: “Guardar a pobreza, a humildade e o Santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo como firmemente prometemos” (FONTES FRANCISCANAS, 2000, p.139).

Em 1223 ele redige a Regra definitiva em fonte colombo. A nova redação foi apresentada e discutida no capítulo geral em Junho. Aos 29 de novembro, o Papa Honório III aprova-a como bula. O texto original encontra-se como relíquia no Sacro Convento de Assis.

Enquanto isso, a ordem estava se expandido em todo o mundo. Em 1225 muito doente, Francisco recebe tratamento, porém nada estava resolvendo. Depois de muitas noites de dores, ele compõe o Cântico do Irmão Sol. No ano seguinte, 1226, em meados de agosto, sua saúde piora cada vez mais. O bispo de Assis o leva para o palácio para receber tratamento. Entretanto, Francisco vendo que estava preste a fazer a sua páscoa, pede para voltar a Porciúncula. No dia 3 de outubro, ao entardecer, morreu cantando. No dia seguinte é sepultado na Igreja de São Jorge. Em 1228 no dia 16 de julho, São Francisco é canonizado (cf. FONTES FRANCISCANAS, 2004).

Portanto, entre os anos de 1223 à 1225 período de doença, recolhido em oração Francisco vive seus últimos anos a dimensão contemplativa; essa dimensão vai ornamentar a Forma e Vida dos Irmão Menores: Vida Apostólica (cf. FONTES FRANCISCANAS, 2004).

Por conseguinte, é um belíssimo itinerário humano, cristão e espiritual que narra uma vida de labor, oração, e dedicação ao próximo, ao mundo e a Deus de maneira honesta, honrada e amorosa. Francisco de Assis em tudo buscou medir sua vida e suas atitudes pelo mandato do Evangelho e da pessoa de Jesus. Sua pregação, suas atitudes eram formas e fórmulas educativas expressas por palavras, por silêncio, por atitudes caritativas e de solidariedades.

A partir de Francisco de Assis vai tendo solidez um movimento que passou para a história da humanidade conhecido como “Mendicantes”, ou seja: pessoas que pediam a licença para viverem a radicalidade do Evangelho. Com o grupo franciscano inaugurou-se uma maneira inédita de viver o Evangelho: a vida apostólica.

Assim, o primeiro ofício dos Frades Franciscanos foi a pregação popular. Francisco de Assis se tornou um menestrel de Deus. A Fraternidade fundada por ele buscou anunciar com o testemunho de fé, de caridade e serviço, o Evangelho e Jesus

doado a humanidade do Presépio, na solidariedade da Eucaristia, e na radicalidade da Cruz.



## 2 O ENVIO MISSIONÁRIO NOS EVANGELHOS SINÓTICOS MT. 28, 16-20 E LC. 10, 1-11

No evangelho de Mateus e Lucas, ambos detalham sobre o envio missionário que Jesus fez aos discípulos. Mateus mostra mais detalhadamente quando Nosso Senhor é elevado aos céus e deixa para os discípulos o seu último mandato, para batizar todos os povos e ser novos discípulos e missionários. Lucas já descreve o envio dos setenta e dois discípulos para fazer o que o próprio Senhor deseja, logo os discípulos vão a toda a parte para anunciar a nova proposta de vida que Jesus está sugerindo, e para curar os doentes, expulsando os demônios.

### 2.1 MISSÃO NO EVANGELHO DE MT 28, 16-20

Mateus narra esse episódio com muita singeleza, pois mostra como foi a despedida do mestre aos discípulos:

Os onze discípulos caminharam para a Galileia, à montanha que Jesus lhes determinara. Ao vê-lo, prostraram-se diante dele. Alguns, porém, duvidavam. Jesus, aproximando-se deles, falou: 'Todo poder foi me dado no céu e sobre a terra. Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei. E eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos!' (Mt. 28, 16-20).

O Evangelista descreve essa narrativa em dois momentos: no primeiro momento, Jesus quer indicar o lugar onde gostaria de encontrar para orientar na missão para este ministério. Já no segundo momento acontece o envio aos discípulos. O primeiro momento, Ele retorna ao início onde tudo iniciou, a Galileia, por que foi nesta região que começou a sua vida pública e anunciou a justiça que Deus deseja. Então, é apresentado o encontro de Jesus ressuscitado que se realiza dentro do anúncio e da prática da justiça. Deste modo, ao anunciar a prática da justiça na Galileia, Jesus foi a Jerusalém, o centro do seu povo, para fazer a mesma coisa. Como diz Albertin:

Galileia que Jesus fez o famoso sermão do monte, onde está contido um resumo de toda a nova lei (5-7). Essa região era marginalizada, enquanto Jerusalém era centro do poder e da opressão. Deus não se revela onde há injustiça e morte. A volta para a Galileia quer dizer que devemos 'percorrer o mesmo caminho de Jesus', em outras palavras, fazer o que ele fez. Isso é o

que revela que, de verdade, somos seus discípulos e discípulas (2008, p. 157-158).

Assim, a Galileia se torna um novo ponto de partida. Essa região ficava de frente com os povos pagãos. Para tanto, agora o anúncio e a prática se torna para toda a humanidade. Com isso, os discípulos comprometidos, vão poder entrar em contato com todos os povos, através da palavra e ação de Jesus. Isso ocorreu na Palestina daquele tempo e vai ser proposto a todos os tempos e lugares, conseqüentemente, a justiça não conhece o tempo e nem espaço.

### **2.1.1 A Montanha: Lugar de Partida**

A montanha é o ponto onde Jesus indica o caminho aos onze. Podemos dizer que é o ponto de partida de Jesus em sua vida pública, e agora será dos seus Discípulos, pois, Jesus sobe ao Pai nesta montanha e o dá com referência aos seus como também o seu ponto de partida para a missão após o envio. Segundo STORNILO:

As montanhas são importantes neste evangelho, mas é inútil querermos encontrá-las geograficamente. Temos a montanha da tentação (veja 4,8), onde Jesus renunciou ao poder e à riqueza. Temos depois a montanha onde foi proclamada a felicidade que vem da justiça (veja Mt. 5,1). E, finalmente, a montanha da glória de Jesus, indicando a vitória do justo (veja Mt. 17, 1). Em outras palavras, as montanhas mostram o caminho de Jesus, que triunfou sobre as tentações da justiça para produzir o Reino de Deus, através do anúncio e da prática da justiça. É nessas montanha que podemos encontrar Jesus (1990, p. 209-210).

Na montanha, Jesus se revela, mostrando-se como Aquele que veio para ensinar e se mostra para aqueles que acreditam em sua palavra. Tem vários outros exemplos de sinais de Jesus na montanha como por exemplo, no monte Tabor, onde Jesus se transfigura para os três discípulos Pedro, Tiago e João (Cf. Mc. 9, 2-13; Lc. 9, 28-36 e Mt. 17, 1-8). Também, não se pode esquecer do Sermão da Montanha que São Mateus no capítulo 5 (cf. Mt. 5, 1-12), narra Jesus ensinando as Bem-Aventuranças. Isso é para mostrar que tudo que o Senhor faz que a montanha é o lugar do encontro, a experiência com o pastor com seu rebanho. O próprio Jesus dialogava com o Pai na montanha, lá Ele tinha seu momento íntimo com o Pai, e voltava revigorado para sua missão, pela qual o próprio Deus lhe enviou. Bortolini (2015, p. 119), vai dizer que a montanha é “[...] o programa da comunidade, que é o

mesmo de Jesus. Agindo, assim, ela se torna autêntica discípula. Identifica-se com Jesus e seu projeto (os discípulos se prostram diante dele) [...].

Verificando o texto nos exegetas Mateos e Camacho encontramos o seguinte: “‘O monte’, como em Mt. 5,1, representa a esfera divina, a do Espírito; desde aí, Jesus envia os seus. A presença de Jesus na Galileia vincula o ressuscitado com o Jesus terreno, que exerceu sua atividade nesta região” (1993, p. 325).

### **2.1.2 A Fé e a Dúvida dos Discípulos**

Jesus ressuscitado e glorioso quer encontrar-se com os discípulos e portanto aparece aos seus, mas, alguns duvidam se Ele é o mestre. Neste trecho, vemos que, a fé e a dúvida prevalece, porque, para alguns Ele está vivo, pois venceu a morte. Para outros, a dúvida prevalece em seus corações, por isso, a dúvida é a falta de fé que há. Mateus em seu evangelho usará o verbo “dúvida” ao longo de toda a sua narrativa. A dúvida se encontra no capítulo Mt. 14, 31, onde Pedro dúvida e começa a afundar no mar, e graças a Jesus, Pedro não se afogou. A dúvida reforça a fé, assim, Jesus mostra a Pedro que pelo dado de Fé se supera a dúvida.

E notamos que a falta de fé que há nos discípulos é uma ausência de percepção maior na prática de Jesus que venceu toda e qualquer forma de injustiça e sofrimento do povo. Bortolini (2015, p. 119), diz que: “Duvidar é ter medo do risco e do compromisso com a prática da justiça”. Isso demonstra que, é um alerta à comunidade que acompanha constantemente e se coloca em uma atitude de conversão contínua e permanente ao projeto de Deus.

O elemento da Fé demonstrado no simples gesto do “prostrar-se” (MATEOS E CARMACHO, 1993, p. 325), diante de Jesus, isto é, a fé que todos tinham para com o Filho e Deus. Os discípulos se jogaram aos pés do Senhor em sinal de respeito e adoração. A palavra “prostrar-se” é uma palavra que está muito presente no mundo bíblico, principalmente nos evangelhos. Esta palavra tem seu significado como adoração, onde no dicionário Aurélio o significado desta palavra é: “lançar por terra; abater, prosternar. Enfraquecer muito (física ou moralmente); alquebrar. Lançar-se de braços ao chão. Curva-se, arquear-se” (DICIONÁRIO AURÉLIO, 2000, p. 563).

### 2.1.3 A Autoridade de Jesus é Universal

Na narrativa, mostra a autoridade de Jesus que recebe do Pai. No texto sagrado estará escrito assim: “Todo poder foi me dado no céu e sobre a terra” (Mt. 28, 18). O poder está ligado à autoridade. Essa autoridade que o Pai dá a Jesus como uma recompensa que foi conquistada através da obediência, Trilling vai dizer que:

O Pai recompensou superabundantemente a obediência do Filho. Não só alguns poderes lhes foram conferidos, como o de perdoar pecados (Mt. 9,6), o de ensinar (Mt. 21, 23), poder sobre as doenças e os demônios, mas todo e qualquer poder sem limite. Nesse poder está também incluído o seu encargo de tornar a vir como Filho do homem, e juiz escatológico. Está a gloriosa confirmação de seu messianismo, que Deus lhe conferiu e que Ele mesmo pode pronunciar (1984, p. 332).

Jesus mostra aos seus que agora tem a autoridade sobre o céu e a terra. Essa autoridade é dada a Jesus pelo Pai, por isso, Ele a transmite para os seus discípulos como o início do ministério, para serem missionários e levar a boa nova do Reino de Deus a todos os povos e nações. Cristo deseja que seus discípulos tenham a experiência concreta com Deus Pai, de serem misericordiosos como o Pai do Céu é misericordioso, perdoadando os pecado e levando a todos o Deus de misericórdia que não abandona o seu povo.

Para tanto Storniolo, dirá sobre o poderio de Jesus e de estar ao lado do Pai que:

Jesus agora está sentado à direita do trono de Pai e, portanto, tem a autoridade sobre o céu (esfera divina) e a terra (esfera humana). É o triunfo do homem que obedece ao projeto de Deus. Este homem pode agora julgar a todos (veja Mt. 25, 31-46 *apud* 1990, p. 210).

Desta forma, Jesus mostra que tem a autoridade sobre o humano e o divino, isso se dá, pelo fato da missão ao mundo inteiro que ele fala aos seus discípulos. Mateos e Camacho vão dizer que:

Em virtude dessa autoridade universal, manda-os em missão ao mundo inteiro. Realizar-se-á a promessa de Deus a Abraão (Gn. 17, 4s; 22, 18); toda a humanidade constituirá o Israel definitivo. “Ide” mostra que a galileia é o ponto de partida. A missão consiste em fazer discípulos, em proclamar a mensagem de Jesus para que os homens sigam seus ensinamentos, aprendam sua mensagem e a pratiquem (1993, p. 326).

Mateos e Camacho descreve que a autoridade de Jesus é universal, sendo demonstrada através de sua confiança no Pai. Para isso, Jesus os envia para que, se propague a palavra do Pai, tendo a responsabilidade de batizar, e difundir essa mensagem de justiça e paz para os homens de boa vontade. Para isso, um fator importante é observar tudo que Jesus ensinou. Nesta linha de raciocínio o Storniolo relatará que:

A continuação da ordem é 'ensinar a observar tudo o que Jesus ordenou aos discípulos'. Em outras palavras, tudo o que Jesus mostrou e ensinou sobre a prática da justiça. É através dela que o Reino de Deus vem até a humanidade, trazendo liberdade e vida para todos (1990, p. 210-211).

Porém é importante lembrar que o batismo é o ponto de partida a missão. Através do batismo vemos que a autoridade pela qual Jesus fala e ensina exige que os discípulos levem a todos o batismo como proposta para serem missionários. Todo batizado recebe do Pai a autoridade para batizar e perdoar os pecados e serem evangelizadores, levando o Reino de Deus a todos os que precisam. No batismo somos lavados do pecado e recebemos o Espírito Santo que impulsiona para sermos missionários. Trilling vai dizer que:

O batismo tem de ser comprovado na vida em conformidade com a doutrina do Mestre. Só os dois juntos produzirão o tipo de discípulo que merecerá tal nome [...] O batismo deverá ser administrado em nome do Pai e do filho e do Espírito Santo. Não será apenas batismo de penitência como o batismo de São João (3, 6.11). Nem o batismo da morte, a que teve de sujeitar-se Jesus em prol dos muitos (Mc. 10, 38). Esse batismo será um batismo para a vida com Deus (1984, p. 332).

Assim, nosso Senhor continua a ensinar aos discípulos, que através do batismo a pessoa batizada é transformada em uma nova criatura, ou seja, testemunha dos escolhidos por Jesus. Esse novo batismo dado por Jesus é o batismo de perdão dos pecados e para a vida em Deus, sendo testemunhas do evangelho. Um batismo diferente de João Batista que era de conversão. Em Jesus o Batismo é sinal de compromisso como Reino. Por isso que o seguidor é batizado em nome da Santíssima Trindade.

Então Jesus dá essa ordem para continuar a missão, para fazer todos os povos seus discípulos, para que o anúncio da boa notícia chegue a todos os povos e para os batizar na Santíssima Trindade em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo.

### 2.1.4 O Incentivo de Jesus aos Discípulos

O Incentivo de Jesus aos evangelista narra as últimas palavras, “E eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos!” (Mt. 28, 20). Isso quer dizer que, Jesus dá o incentivo aos discípulos que nunca os deixará os que N’ele confia, e estará para sempre com os que ama. Trilling diz:

[...] Abre-se a vista para a distância e amplitude de tempos futuros. Ela tem o seu limite, o seu horizonte, onde ao séculos presente se substituirá o futuro. Antes que o filho do homem volte como Juiz, permanecera no meio de seus discípulos a amparar a sua obra. Está presente entre eles por sua atitude espiritual. Não comemorando a sua morte e comendo a ceia santa, mas sempre e em todos os lugares. A nova comunidade salvífica não apenas professa universalmente o único Senhor, mas tem-no em pessoa no seu meio (1984, p. 334-335).

A missão que Jesus envia seus discípulos mostra a amplitude desse mandato que perdurará até os tempos futuro. Assim, esse encargo vai além, até a volta do Filho do Homem para ser juiz dos vivos e dos mortos. Porém, o próprio Jesus não os deixará e incentivará para que continue a missão e formando novas comunidades salvíficas, para que possa professar com toda alma que Jesus é o único Senhor. Neste contexto, Mateos e Camacho explica:

A nova frase de Jesus é promessa que visa sobretudo a missão. Não ficarão sozinhos nela, Jesus os acompanhará em seu trabalho (cf. At 1,13). Assim, se cumprirá o conteúdo de seu nome, Emanuel ‘Deus entre nós’ (1, 23). Juntos beberão o vinho novo da entrega total (cf. 26, 29). Tal situação durará até o fim desta era, que coincide com o mundo, ou seja, durante todo o tempo de reinado de ‘Homem’ na história (13, 41). Depois ficará somente o reinado do Pai. (13, 48; 26,29), fase definitiva do reinado de Deus (1993, p. 327).

Ele, por ser Filho de Deus, mostrou verdadeiramente o significado de seu nome “Deus entre nós”. Assim, não deixou os seus sozinhos na missão, Ele sempre os acompanhou para todos os lugares para o anúncio da Boa nova do Reino. O mundo em toda a sua conjuntura, precisa de missionários que não tenham medo dos riscos na missão, basta confiar na providência Divina, e compreender o mistério da evangelização que nos leva em profunda sintonia com o Pai, o mesmo não nos deixa desamparado. E Storniolo complementa:

E isso nos faz pensar. Os que conheceram Jesus querem ficar com ele para sempre. Os que ainda não o conhece tem um desejo misterioso, ou melhor, um pressentimento de que existe um desconhecido no meio deles (veja Jo.

1, 26), e que esse desconhecido pode lhes revelar o caminho da justiça. Por que não vamos nós até essas pessoas angustiadas e desesperadas, revelando o nome desse desconhecido, e mostrando o que ele disse e fez? O Pai ganhará mais um filho, este filho ganhará muitos irmãos e, todos juntos, continuaremos a luta pela justiça, que trará liberdade e vida para todos [...] (1990, p. 211).

Portanto, o missionário e discípulo de Jesus deve compreender que o Cristo nunca deixa aqueles que o Pai lhe confiou. Ele estará por todo o tempo até a consumação do mundo. Os escolhidos devem acreditar e anunciar o evangelho que Jesus pregou por toda parte, dando o exemplo com a vida e usando as palavras como suporte para testemunhar Aquele que está presente e não os abandonará.

## 2.2 MISSÃO NO EVANGELHO DE LC. 10, 1-11

O evangelista Lucas narra o envio missionário dos setenta e dois discípulos. Essa missão pede que eles sejam arautos do evangelho, pois Jesus necessita de outros para ajudar na evangelização. O número setenta e dois é um número simbólico, Storniolo dirá que: “[...] mostrando que não é apenas um pequeno grupo que continua a obra de Jesus, mas todos os que o seguem, todos os cristãos, de forma organizada (dois a dois)” (1992, p.102). Também Stoger comenta: “A escolha do número setenta prende-se aos setenta povos, dos quais se deveria a humanidade, consoante a ‘tabela dos povos’ (Gn. 10). Jesus e a sua mensagem fazem questão da humanidade [...]” (1973, p. 295). De acordo com alguns exegetas por exemplo: Stuhlmüller fala dos Setenta e dois, já o Stoger fala setenta, porém ambos dão a mesma ideia do evangelho, importante é perceber que os discípulos foram enviados para essa missão.

Lancellotti e Boccali vão dizer sobre os setenta e dois:

A missão setenta (e dois) discípulos. Neste episódio, exclusivo do III Evangelho, em que Jesus acrescenta aos doze apóstolos “outros setenta (e dois) discípulos” e os envia como arautos do Evangelho, a “toda cidade e lugar” da Palestina, Lucas coloca as diversas instruções “missionárias” dadas por Jesus aos Doze e mencionadas pelos outros Evangelistas em contexto diferente (1983, p.122).

Deste modo, vemos que, para a manifestação do anúncio do Reino, os discípulos vão em missão onde Jesus não consegue chegar, como Ele próprio já diz: “a messe a grande e os trabalhadores são poucos” (Lc. 10, 2), assim, os missionários vão anunciar o Reino que está próximo. Se olhar bem para o trecho do evangelho, Ele

convoca os setenta e dois, juntamente com os doze, que já estava com o Senhor. Auneau vai dizer que:

Mas, para que esta manifestação do Reino chegue aos homens, urge haver intermediários: Jesus, primeiro, os Doze a seguir, depois os Setenta e dois cujo apelo e missão abrem esta parte do Evangelho (Lc. 10, 1-11). É significativo que Jesus conceda um lugar privilegiado a essa missão: o discurso de envio que a Coleção de *logia* (=Q) associava ao mandato dos Doze (cf. Mt. 10), é por Lucas ligado à expedição dos Setenta e dois (1985, p. 229).

Jesus aqui traz duas etapas, primeiro manifesta o Reino aos doze e depois ao restante dos discípulos, onde a missão se torna maior, pois ela continuará nas mãos dos apóstolos e discípulos. O Evangelho mostra esse envio que Jesus faz como um início da jornada, e visando o futuro após a morte e ressurreição do Senhor. Stuhlmüller dirá que o número setenta ou setenta e dois são simbólico:

[...] Há provas tiradas dos manuscritos de que se deve ler 'setenta' em vez de 'setenta e dois discípulos'; ambos os números são simbólicos. Moisés escolheu setenta anciãos a quem Deus concedeu o espírito, e o Gênesis divide o mundo em setenta povos diferentes. Mas a antiga tradução grega do Gênesis cita setenta e duas nações; setenta e dois também é seis vezes o número de tribos em Israel. Lucas certamente queria fazer-nos lembrar esta rica tradição para que entendêssemos a plena significação do que Jesus fazia [...] (1975, p. 137-138).

Então, esse número tem esse simbolismo desde o Antigo Testamento, Lucas quis trazer esse fato, para que, entendamos a simbologia em que Jesus, inseriu os discípulos para a missão, fazendo a ligação o a simbologia que há no antigo testamento.

### **2.2.1. Os Perigos na Missão**

Jesus, fala dos perigos na qual eles irão enfrentar na missão, Ivo vai dizer que: "A missão é perigosa (lobos) e urgente. Por isso o discípulo não perde tempo nem com as etiquetas de boa educação, nem com os que não aceitam o seu anúncio". (STORNILO, 1992, p.102). A figura dos lobos é tida no Evangelho como aqueles que perseguiram os que anunciavam o Reino de Deus, e que faziam de tudo para que esse novo ideal de vida não seja propagado a todos que querem viver. Assim, o missionário tem que ir preparado para o que vier enquanto perigo. Lancellotti e Bocali na mesma ideia vai dizer:



[...] Jesus não esconde as dificuldades futuras. O missionário é um cordeiro do pastor Jesus; sua vida é posta em perigo não porque não tenha valor, mas porque a mansidão, inculcada na semelhança do cordeiro, será o segredo do sucesso do Evangelho; com efeito, as conquistas de seus mensageiros serão conquistas de bondade e não violência (1979, p. 123).

Então, o missionário deverá ter a consciência que haverá os perigos “[...] indefesos, quais ovelhas entre lobos, são eles enviados [...]” (STOGER, 1973, p.297). Assim, os discípulos irão em plena consciência de que os aguarda na missão, pois, muitos perseguirão. E os verdadeiro seguidores devem enfrentar esses perigo, e neste sentido, verão que o Senhor estará com eles.

### **2.2.2 Ide e Fazei: O Envio e a Saudação**

A palavra “Ide” é o envio missionário. Padre Luís Mosconi, na sua obra *A Vida é Missão* vai nos lembrar que Deus é vida, portanto a missão é vida; Deus é amor, portanto a missão é amor; Deus é luz, a missão é luz. “[...] A vida é missão, e a missão se dá no dia a dia [...]” (MOSCONI, 2014, p. 31). Assim, nos dias atuais devemos, como batizados, aonde estamos servir com amor, em atitudes de justiça e solidariedade, tornando-nos luz para mundo. Portanto, a missão é luz quando os discípulos estão levando a luz a quem precisa.

Junto ao envio vem também a palavra fazei que requer de todos os seguidores uma ação, uma missão que exige a realização do Reino de Deus, afinal todos são chamados para participar desta tarefa especial que é a missão de todo batizado, um caráter próprio do seguidor de Jesus, que por obediência deve levar a boa notícia de ser seguidor do Senhor, mesmo em lugares distantes, perante os perigos e espadas e diversos povos.

O evangelista Lucas usa esse termo para o envio dos discípulos, Stöger vai dizer que: “Ide! O primeiro e mais importante dos meios é a própria missão, da parte de Jesus. O ‘Eu’ há de sempre estar com Ele e amará-lo” (1973, p. 296). Quer dizer que, Na missão sempre o missionário é amparado, pois, Deus não desampara àqueles que Ele envia.

Outro ponto, interessante neste trecho do evangelho, é a saudação da paz, “Em qualquer casa que entrardes, dizei primeiro: ‘Paz a esta casa!’ E se lá houver um filho da paz, a vossa paz repousará sobre ele; senão voltará para vós” (Lc. 10,5-6). A

paz deve ser uma forma de benção e uma esperança para quem está precisando, pois, no contexto bíblico, vemos que o povo não tinha esperança, e assim, o anúncio dos discípulos era para mostrar o novo reino que está por vir por meio de Jesus. Storniolo descreve que: “A saudação ‘Paz’ é uma fórmula de benção, e significa que o anúncio do Reino traz a justiça e a misericórdia que levam à paz, a qual, na Bíblia, significa a plenitude de todas as condições que deixam as pessoas realizadas” (1992, p.102).

Também dentro do texto da Sagrada Escritura, temos o relato que indica que todo trabalhador tem o direito do seu salário.

Permaneço nessa casa, comi e bebi do que tiverem, pois o operário é digno do seu salário. Não passeis de casa em casa. Em qualquer cidade que entrardes e fordes recebidos, comi o que vos servirem; curai os enfermos que nela houver e dizei ao povo: O Reino de Deus está próximo de vós (Lc. 10,7-9).

Neste relato, mostra que todos são dignos do salário, comer de tudo que vos oferece, demonstra que o missionário não deve ser exigente, e sim permitir uma acolhida na simplicidade e praticidade. Ser discípulo portanto é agir como Jesus, com humildade, simplicidade, mansidão e autoridade. L'Eplattenier vai dizer que: “[...] O missionário é ‘ceifador’, trabalhador, e merece seu salário (vv. 5-7) [...]” (1993, p.107). Logo, tudo na vida, ao trabalhar deve-se receber pelo que faz, isto é, para os discípulos serve também, e um detalhe, deve sempre confiar na providência divina, isso Jesus mostrou para os seus discípulos.

### **2.2.3 Quando Não é Bem Recebido**

No relato do Evangelho, vem tratar dos que não são bem recebidos. Jesus é bem claro, quando isso acontecer, eles saíam imediatamente e batiam a poeira dos pés em sinal de protesto contra aquela família ou aquela cidade. Isso mostra que a Boa Nova não foi recebida e que o Reino não chegará naquela cidade e não terão a graça dessa nova proposta do Reino. O autor Storniolo traz o questionamento e a resposta:

E quem não aceitar? Sacudir o pó dos pés é gesto de rejeição e julgamento. Não se deve perder tempo com os que não acolhem o anúncio e a prática do Reino. No dia do julgamento Deus terá mais misericórdia para com Sodoma,

a cidade pecadora, e para com as cidades pagãs (Tiro e Sidônia), do que para com as cidades que rejeitaram o Reino. Ameaça grave, porque rejeitar os discípulos é rejeitar o próprio Jesus e Deus, que o enviou com dom da libertação e da vida. Rejeitar o dom de Deus é escolher a própria destruição, é autocondenar-se à escravidão e à morte, ficando fora da nova história e das novas relações sociais produzidas pelo projeto de Deus (1992, p.103).

Desta maneira, o protesto em sacudir o pó dos pés é um gesto simples, mas que, revela a pretensão de Deus para quem não acolhe os enviados do Senhor. Por esta maneira, podemos comprovar que Jesus envia seus discípulos, mais que não os deixa na mão, mostrando que, Ele estará sempre juntos dos enviados e que, aquele que não os acolhe, não estarão acolhendo também a Jesus e ao Pai.

### 2.3 MISSÃO NOS ATOS DOS APÓSTOLOS (O EVENTO PENTECOSTES) AT. 2, 1-13

Como o próprio nome do livro fala “atos”, quer dizer, são os feitos que os apóstolos fizeram ao longo da missão. Esses feitos são narrados pelo evangelista Lucas, que narra detalhadamente as suas ações em suas viagens após o evento de pentecoste. O pentecoste é o início da vida missionária dos apóstolos, onde tomam a iniciativa e sai para anunciar o Evangelho a todos os povos, como iremos ler na própria passagem dos At. 2, 1-13:

Tendo-se completado o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu. Um ruído como o agitar-se de um vendaval impetuoso, que encheu toda a casa onde se encontravam. Apareceu-lhes, então, línguas como de fogo, que se repartiam e que pousaram sobre cada um deles. E todos ficaram repletos do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia se exprimirem. Achavam-se então em Jerusalém judeus piedosos, vindos de todas as nações que há debaixo do céu. Com o ruído que se produziu, a multidão acorreu e ficou perplexa, pois cada qual os ouvia falar em sua próprio idioma. Estupefatos e surpresos, diziam: “Não são, acaso, galileus todos esses que falam? Como é, pois, que ouvimos falar, cada um de nós, na próprio idioma em que nascemos? Partos, medos e elamitas; habitantes da Mesopotâmia, da Judéia e da Capadócia, do Ponto e da Ásia, da Frígia e da Panfília, do Egito e da região da Líbia próximo de Cirene; romanos que aqui residem; tanto judeus como prosélitos, cretenses e árabes, nós os ouvimos anunciar em nossas próprias línguas as maravilhas de Deus! Estavam todos estupefatos. E, atônitos, perguntavam uns aos outros: ‘Que vem a ser isto? Outros, porém zombavam: ‘Estão cheios de vinho doce!’.

Lendo esse trecho, podemos notar que há uma novidade aqui apresentada. É um novo pentecostes que está acontecendo. Essa festa é a festa dos agricultores e das colheitas, isto acontecia no início das colheitas e que era oferecido a Deus os

primeiros frutos da terra. Esta festa tem um significado de extrema importância, pois, era a renovação da aliança que Deus fez com o seu povo. Por isso, era importante para os judeus e para tantas pessoas que viviam em Jerusalém.

O Storniolo vai explicar a simbologia dessa festa que:

Pentecostes ou 'festa das semanas' era a festa israelita celebrada sete semanas depois da Páscoa, quando terminava a colheita (Ex. 34, 22; Nm. 28, 26). Principalmente a partir do ano 70 d. C., depois da queda de Jerusalém, os judeus tomavam essa festa como comemoração da aliança e do dom da Lei, que era a sua consequência prática. Colocar o dom do Espírito em Pentecoste, Lucas sugere a plenitude da aliança, não mais como dom da Lei, mas como o dom do Espírito, que faz compreender em profundidade a vontade de Deus, o seu projeto. Cumpre-se, assim, o que os profetas anunciavam: não mais uma lei escrita, mas uma lei interiorizada, o próprio Espírito de Deus, capaz de produzir transformações radicais e levar à vida plena (Jr. 31, 31-34; Ez. 36, 25-28 *apud* STORNILO, 1993, p. 29).

Assim, faz com que compreendemos o mistério da vontade de Deus na vida dos apóstolos através do evento de pentecostes. É um projeto que o Pai transmite para que os Apóstolos possam anunciar e evangelizar a todos os povos e nações os milagres e feitos de Jesus, enquanto Ele estava na terra. O Espírito Santo, vem de encontro aos que são escolhido para ser os anunciadores. No livro dos Atos dos Apóstolos é bem claro que o Espírito Santo estava presente na vida e nas ações dos Apóstolos. Fabris vai ressaltar a importância do Espírito neste livro:

Como podemos notar, o tema do Espírito Santo abrange toda a história dos Atos, embora as manifestações mais relevantes ou fundamentais se encontrem na primeira parte, iniciando com a página programática do Pentecostes cristão. A estrutura da narrativa de Pentecostes, que se estende por um capítulo quase inteiro, é linear: primeiro, a narrativa da manifestação do Espírito, com os efeitos que produz nos apóstolos (At. 2, 1-4); a seguir, o elenco dos representantes da humanidade, convocados e reunidos em Jerusalém pelo evento prodigioso do Espírito, e isso cria uma nova possibilidade de comunicar e entender (At. 2, 5-13 *apud* FABRIS 1984, p. 74-75).

Deste modo, o Espírito que impulsiona a ter a prática de anunciar essa proposta nova de vida trazida por Jesus, por assim dizer, o Espírito impeliu nos Apóstolos a crescer e amadurecer na fé para ir de encontro a todos que precisam. Outro ponto fundamental desse relato, os Apóstolos receberam o Espírito Santo, e os judeus vindos de diferentes partes do mundo, começam a entender que os Apóstolos estavam falando no próprio idioma. Fabris vai dizer:

[...] segue a descrição do primeiro efeito do Espírito, a reação das testemunhas do mundo humano universal: o falar em 'outras línguas' suscita assombro, admiração (2, 1-8); a universalidade e o ecumenismo, nos quais se inserem a ação e o testemunho do Espírito, são expressos pela lista dos povos (2, 9-11). É o núcleo da nova humanidade reunida pela força de coesão e de comunicação que tem a sua fonte no Espírito. [...] Sem a interpretação que une a manifestação do Espírito à história da salvação e ao acontecimento da morte de Jesus [...] (1991, p.61).

A manifestação do Espírito Santo, marca a forma ecumênica, isto é, para todos compreenderem o que Deus estará falando através dos Apóstolos, e a comunicação entre as pessoas, e assim, fica mais fácil para estas mesmas pessoas acolherem a palavra que é anunciada e ser guardada em seus corações. Já Storniolo vai nos dizer que:

[...] Muitos a partir do pentecostalismo do século XX, entendem o fenômeno como falar em línguas que ninguém compreende. Esse fenômeno existia nas comunidades paulinas, como aparece na primeira carta aos Coríntios e também em Atos 4, 8.31; 9,17; 13, 9. Mas não é disso que Lucas fala aqui, como veremos mais adiante. Falar em línguas incompreensíveis não comunica nada a ninguém. A linguagem foi feita para produzir comunicação entre as pessoas (1993, p.31).

Assim Lucas, narra detalhadamente sobre as maravilhas deste evento, desde os Apóstolos que acolhem e ao povo de toda parte que compreende o que eles estão falando no próprio idioma. A língua é a ferramenta necessária para os anunciadores da Boa Nova, ela foi feita para que, se produza e comunique a todos os que estão de ouvidos abertos para acolherem essa notícia que deve ser difundida por todos os lugares e nações.

### 3 REFLEXÕES PARA UMA NOVA MISSIOLOGIA

Ao longo desta pesquisa perpassamos pelo conceito da Missologia, compreendendo a importância da Missiologia na história da Igreja, ressaltando a figura de Paulo de Tarso que foi o incentivador para a missão que se estendeu para todos os cantos do mundo. Assim, mesmo após sua morte, Paulo deixou seu legado a grupos missionários para continuarem a missão de anunciar o Evangelho. Vendo que precisava preparar os novos missionários para missão, organização e estruturação da Igreja, vieram os Concílios para darem um norte ao caminhar da Igreja que estava crescendo cada vez mais. Dando um suporte melhor para a Igreja também vieram os padres dos deserto que foram fundamentais para a missão. Dito então esse relato da missão da Igreja, passamos para o breve relato da vida de São Francisco de Assis, e as primeiras missões dos frades, perpassando o envio de dois a dois, os primeiros mártires franciscanos, a intolerância, e o final da vida de São Francisco.

No período de São Francisco até os tempos atuais, notamos a expansão missionária da Igreja, o crescimento das ordens mendicantes (franciscanos, dominicanos) e reestruturação da Igreja ao longo dos anos. A importância dos missionários na evangelização nas Américas, em especial na América do Sul, com a vinda dos Franciscanos e da Companhia de Jesus, que foram importantes na evangelização no Brasil, e em outros países.

No decorrer dos anos, vimos outros dois concílios que foram importantes para a era moderna e contemporânea, os Concílios Vaticano I e II; Concílios que são referência para missão a toda Igreja. Revisando as decisões conciliares, na dimensão missiológica e evangelizadora, o papa Francisco vem nos lembrando insistentemente a dinâmica da Igreja em saída, nos levando às origens de fé cristã, dos primeiros cristãos que anunciavam a boa notícia a todos os povos.

No segundo capítulo aprofundamos o envio de Jesus aos apóstolos nos Evangelhos de Mateus e Lucas e no livro dos Atos. No Evangelho de Mateus, temos a despedida de Jesus aos discípulos o envio dos mesmos, no episódio da Ascensão de Jesus aos Céus. No Evangelho de Lucas temos o envio dos setenta e dois discípulos para os lugares onde Jesus não conseguia ir, e dando recomendações e cuidados na missão. Já no livro dos Atos dos Apóstolos, temos o evento do Pentecostes, o nascimento da Igreja, e a expansão da missionaridade dos cristãos.

E agora daremos a continuidade em nossa pesquisa, através da “Proposta

Missionaria da Igreja Hoje, Uma proposta franciscana: Vinho novo em Odres velhos, que será fundo para nossa reflexão, demonstrando a missão atual da Igreja ao modo franciscano.

### 3.1 A PROPOSTA MISSIONÁRIA DA IGREJA HOJE

Hoje a missão da Igreja está bem representada através dos sucessores dos apóstolos, principalmente os Papas, em especial: João Paulo II, Bento XVI e o Francisco. Este fizeram muito bem com o seu espírito missionário e da itinerância com as viagens pastorais, visita aos países, conhecendo as realidades e levando a mensagem de paz e de amor aos povos onde estes passaram. Também, mostrando incentivo para quem deseja ter este espírito missionário. Os papas estão mostrando que a Igreja deve sempre estar em saída, ao encontro de todos que precisam, pede aos pastores e os fiéis ir ao encontro daqueles que estão excluídos e fazer uma boa evangelização. Uma das formas mais predominantes dos papas, para nortear a caminhadas dos fiéis, são as cartas encíclicas, e os documentos papais, pois, estes dão um norte na vida da Igreja, fazendo com que a missionariedade prevaleça em toda a Igreja pelo mundo.

Papa João Paulo II foi um exemplo de itinerância, mostrando o seu espírito de missão por toda a Igreja, em suas diversas visitas aos continentes buscou levar uma mensagem fé, esperança e caridade, e motivou os fiéis a seguirem o mesmo caminho missionário por meio de seu testemunho de vida, e de seus escritos, em especial as Cartas Apostólicas e Encíclicas.

O João Paulo II, em sua Encíclica *Redemptoris Missio*, no capítulo VIII, vem falar acerca da espiritualidade missionária, pois é através da espiritualidade que se dá o impulso à missão. Ele diz:

Tal espiritualidade exprime-se, antes de mais, no viver em plena docilidade ao Espírito, e em deixar-se plasmar interiormente por Ele, para se tornar cada vez mais semelhante a Cristo. Não se pode testemunhar Cristo sem espelhar à Sua imagem, que é gravada em nós por obra e graça do Espírito. A docilidade ao Espírito permitirá acolher os dons da fortaleza e do discernimento, que são traços essenciais da espiritualidade missionária. (JOAO PAULO II, 1990, p.89).

João Paulo II, mostra que deve-se ter uma docilidade ao Espírito, o missionário terá por sua vez um guia que agirá para o melhor empenho de ser um

bom missionário. O Espírito conduz a Igreja e aqueles que querem ser missionários, concedendo a estes os dons necessários à missão. Quando se é aberto ao Espírito, isto é, para a ação, o missionário realiza sua missão fundamentada numa vida de virtude, de alegria, amor, caridade, fé, esperança.

Seus sucessores, como Bento XVI e Francisco também não deixaram o assunto da missão se apagar, pois, a missão é um dos pilares da Igreja. Bento XVI fala com muita profundidade sobre o assunto. Ele diz que a missão vem através da palavra, pois, a palavra vai nos mostrar e conduzir juntamente com o Espírito para ter um bom êxito na missão. Assim, Bento XVI fala da importância da “*missio ad gentes*”, exortando os fiéis à missão do anúncio da Boa Nova. Ele vai dizer na exortação apostólica *Verbum Domini*:

Ao exortar todos os fiéis para o anúncio da Palavra divina, os Padres sinodais reafirmaram a necessidade, no nosso tempo também, de um decidido empenho na *missio ad gentes*. A Igreja não pode de modo algum limitar-se a uma pastoral de manutenção para aqueles que já conhecem o Evangelho de Cristo. O ardor missionário é um sinal claro da maturidade de uma comunidade eclesial. Além disso, os Padres exprimiram vivamente a consciência de que a Palavra de Deus é a verdade salvífica da qual tem necessidade cada homem em todo o tempo. Por isso, o anúncio deve ser explícito. A Igreja deve ir ao encontro de todos com a força do Espírito (cf. 1 Cor 2, 5) e continuar profeticamente a defender o direito e a liberdade das pessoas escutarem a Palavra de Deus, procurando os meios mais eficazes para a proclamar, mesmo sob risco de perseguição. A todos a Igreja se sente devedora de anunciar a Palavra que salva (cf. Rm. 1, 14 *apud* BENTO XVI, 2011, p.176-177).

O Papa Bento XVI trata do assunto *missio ad gentes*, pois a missão deve ser para fora do seu país, isto é, além fronteira. A Igreja hoje está chamando para ir para fora, uma Igreja em saída, podemos assim dizer que esse sair, esse ir aonde estão os menos favorecidos que precisam de apoio, é dar testemunho da Boa Nova do Reino de Deus. Neste intuito, para a missão, todos os membros devem estar em comunhão e unidade com a Igreja, estar em saída, isso fica bem nítido quando o Papa Francisco fala na *EXORTAÇÃO APOSTÓLICA EVANGELII GAUDIUM*:

Na Palavra de Deus, aparece constantemente este dinamismo de ‘saída’, que Deus quer provocar nos crentes. Abraão aceitou a chamada para partir rumo a uma nova terra (cf. Gn. 12, 1-3). Moisés ouviu o chamada de Deus: ‘Vai; Eu te envio’ (Ex. 3, 10), e fez sair o povo para a terra prometida (cf. Ex. 3, 17). A Jeremias disse: ‘Iráis aonde Eu te enviar’ (Jr. 1, 7). Naquele ‘ide’ de Jesus, estão presentes os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja, e hoje todos somos chamados a esta nova ‘saída’ missionária. Cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o



caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho. (2013, p. 19-20)

Assim, o Papa Francisco propõe uma Igreja em saída, uma Igreja que serve ao próximo, serviço manifesto por meio da Pastoral e dos diversos Ministérios. Para melhor compreensão, a palavra pastoral vem do sentido de pastorear. Desta forma, o pastor vai ao encontro das ovelhas e não espera que ela venha até eles. A Igreja deve recuperar sua característica missionária, a exemplo das primeiras comunidades cristãs relatadas em Atos dos Apóstolos. Para isso, as Paróquias devem ser a própria Igreja viva no meio das casas dos seus filhos e filhas.

A questão da Igreja em saída é muito falada pelo Papa Francisco, pois em sua visão a pastoral da Igreja, com os seus pastores, está acomodada. Ele os alerta a estarem em saída, como ele mesmo diz na exortação apostólica:

A Igreja 'em saída' é a comunidade de discípulos missionários que 'primeireiam', que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam. Primeireiam – desculpai o neologismo –, tomam a iniciativa! A comunidade missionária experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, precedeu-a no amor (cf. 1 Jo. 4, 10), e, por isso, ela sabe ir à frente, sabe tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos. Vive um desejo inexaurível de oferecer misericórdia, fruto de ter experimentado a misericórdia infinita do Pai e a sua força difusiva. Ousemos um pouco mais no tomar a iniciativa! Como consequência, a Igreja sabe 'envolver-se'. Jesus lavou os pés aos seus discípulos. O Senhor envolve-Se e envolve os seus, pondo-Se de joelhos diante dos outros para os lavar; mas, logo a seguir, diz aos discípulos: 'Sereis felizes se o puserdes em prática' (Jo 13, 17). Com obras e gestos, a comunidade missionária entra na vida diária dos outros, encurta as distâncias, abaixa-se – se for necessário – até à humilhação e assume a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo no povo. Os evangelizadores contraem assim o 'cheiro das ovelhas', e estas escutam a sua voz. Em seguida, a comunidade evangelizadora dispõe-se a 'acompanhar'. Acompanha a humanidade em todos os seus processos, por mais duros e demorados que sejam. Conhece as longas esperas e a suportação apostólica. A evangelização patenteia muita paciência, e evita deter-se a considerar as limitações. Fiel ao dom do Senhor, sabe também 'frutificar' (PAPA FRANCISCO, 2013, 21-22).

Assim, a comunidade se torna em saída fazendo a experiência das primeiras comunidades que saíam a pregar por toda parte levando o Evangelho de Cristo a todos com humildade, paciência, amor. Aqueles que buscam a missionaridade devem se envolver, na missão, com o amor com que Cristo tem por sua Igreja, que é o amor doação. Dentro desse amor, e a busca pela missionaridade, o Papa Francisco alerta que, os evangelizadores além de amar as suas ovelhas irá contrair o cheiro delas,

pois quando se sente o cheiro de suas ovelhas, as atrai, elas escutam a voz de quem as chama.

Desta maneira vemos isso acontecer na vida franciscana, onde São Francisco começa a sua missão com os primeiros frades saindo dois a dois, pregando e anunciando o Evangelho a todos homens e mulheres que ainda não viveram e nem escutaram a boa nova do reino. Com isso, deve-se também levar a Palavra onde ainda não foi anunciada, buscando, no testemunho com a vida, trazendo os irmãos e irmãs que estão longe da presença e do amor de Deus.

### 3.2 A MISSIONARIDADE FRANCISCANA

A Proposta franciscana começa pela itinerância, pois, não se deve está fixado em um mesmo lugar; deve-se buscar novos modos de evangelizar para os excluídos e marginalizados.

Da vida e da essência da fraternidade evangelizadora faz parte a itinerância. Para que a fraternidade evangelizadora tenha bom êxito na missão deve-se atentar à obediência. Primeiro quesito da obediência é a escuta; quando se escuta, o Consagrado demonstra-se aberto a obedecer, como bem recorda o documento da Ordem dos Frades Menores “Enviados a Evangelizar em Fraternidade e Minoridade nas Paróquias”:

São Francisco sugere-nos que inclinemos o ouvido para escutar as Palavras que são espírito e vida. Portanto, a expressão inclinar o ouvido remete para o desejo de ouvir, de orientar o ouvido para o Senhor que fala e para uma ascética da escuta especialmente salutar para o nosso tempo. [...] O perigo que seja assemelhada a todas as outras palavras pode ser evitado por esta inclinação do ouvido, que expressa, ao mesmo tempo, o desejo de ouvir a Palavra de Deus e o esforço de agir de tal forma que essa escuta seja possível. É a essa escuta que é preciso dar o primado se quisermos que nosso ouvido se incline, nas melhores disposições, para ouvir a voz dos irmãos (ORDEM DOS FRADES MENORES, 2009b, p.33).

Observando o gesto do inclinar, é muito peculiar, pois se nivela a altura da outra pessoa, isto é, do irmão ou do próximo. Assim, quem se inclina está propenso a fazer o que o outro pede, e, conseqüentemente, consegue agir de tal forma com o desejo fazer a vontade daquele que pede, que é o próprio Senhor. Quem escuta, está aberto a ação de Deus, é o se inclinar na humildade. Pode-se começar a executar o que o Senhor propõe para aqueles que estão disposto a servir na missão ao qual foi

confiado. Vemos muito claro em Francisco, que esteve aberto à ação de Deus em sua vida, e pode sentir em si o Espírito que o conduziu para ajudar aqueles que mais precisavam e necessitavam de apoio e consolo. Desta maneira ele fez uma revolução, não só consigo, mas também com toda a Igreja. Com essa abertura a ação do Espírito Santo é que guia a Ordem em todos os Capítulos Gerais, com os seus documentos, e dentro dos documentos da Ordem. O assunto da missionariedade está em evidência.

### 3.2.1 Fraternidade evangelizadora

Um dos pontos abordados é a “fraternidade”, pois nela é que vem o sinal profético e evangelizador. Como já dito, a fraternidade deve ver os sinais dos tempos, tendo em vista o evangelho como o modelo e maneira para encarnar os desafios que a missão traz:

[...] Destas e de muitas maneiras, a primeira fraternidade aparece como uma fraternidade profética, como uma fraternidade-sinal, que sabe ler os sinais dos tempos e encarnar o Evangelho de maneira concreta e compreensível para a cultura do próprio tempo. (ORDEM DOS FRADES MENORES, 2009b, p. 8).

As fraternidades devem se tornar o sinal profético, sendo o sinal do Cristo e denunciando as irregularidades, que tira o foco da presença do ressuscitado na vida das pessoas, tendo concretude na cultura que é do tempo pela qual está sendo vivenciado. Assim, os que seguem com esse intuito compreende o seguimento de Jesus Cristo ao modo de São Francisco.

Neste seguimento, a fraternidade se dispõe e se torna aberta ao caminho, que se realiza com a íntima necessidade de anunciar o que o Evangelho anunciou através dos feitos do Senhor. O documento da Ordem “*Ite, nuntiate*”, mostra como a fraternidade evangelizadora deve trabalhar em prol da missão:

[...] o desejo ardente de testemunhar aos nossos irmãos e irmãs do mundo aquilo que nos faz viver, para que possam beber na mesma fonte; uma real disponibilidade de partir em missão; um profundo desejo de anunciar o Evangelho e o apelo para vivenciá-lo. É a audácia evangélica que nos impulsiona a viver esta aventura no seguimento de Cristo; - uma adequada preparação antes da missão, assim como uma proveitosa colaboração entre os diversos protagonistas; uma relação viva com Cristo que se encarna na mútua e benevolência ajuda fraterna; a entrega e a avaliação regular de nossas jornadas diante de Deus e sob o olhar benevolente dos irmãos.

(ORDEM DOS FRADES MENORES, 2017, p. 46)

### 3.2.2 A minoridade, humildade e alegria franciscana

Evangelizar começa pelo testemunho; testemunho que transforma a vida daqueles que estão recebendo com alegria, aqueles que estão se dedicando ao serviço missionário. O testemunho com a vida é que converte as pessoas que estão precisando de Deus. Assim, São Francisco buscou dar testemunho com a sua vida, pois, com o testemunho vieram outras virtudes, a saber: humildade, pobreza, alegria, trabalho e minoridade.

A humildade compõe a espiritualidade franciscana, para servir ao Senhor deve-se ter uma busca continua para se chegar a humildade São Francisco buscou a humildade, o serviço para com os excluídos, como nos relata Celano:

Em seguida, o santo amante de toda humildade transferiu-se para junto dos leprosos e permanecia com eles, servindo com o maior cuidado a todos por amor de Deus e, lavando deles todas a podridão, limpava também a secreção purulenta das úlceras, como ele próprio fala em seu testamento, dizendo: 'Porque, como eu estivesse em pecado, parecia-me sobremaneira amargo ver leprosos, e o Senhor conduziu-me entre eles, e fiz misericórdia com eles' (FONTES FRANCISCANAS, 2004, p. 209).

Esta narrativa de Celano mostra quão perfeito São Francisco entendeu a sua missão de evangelizar os excluídos, no caso, os leprosos de sua época. Assim, ele usou de humildade para com os leprosos, e ensinou os frades a fazerem o mesmo, usar de misericórdia com os excluídos de nosso tempo.

Ligada a humildade, outra virtude presente é a vida minorítica. As fraternidades que evangelizam devem ter a minoridade, por isso, a nossa Ordem tem o nome de Menores, para que sejamos menores em tudo que fizermos. Isso fica bem claro na exposição de São Francisco na Regra Bulada:

No entanto, em tempo de manifesta necessidade, os irmão não sejam obrigados ao jejum corporal. Aconselho, todavia, admoesto e exorto a meus irmãos no Senhor Jesus Cristo que, quando vão pelo mundo, não discutam nem alterquem com palavras (cf. II Tm. 2, 14) nem julguem os outros; mas sejam mansos, pacíficos e modestos, brandos e humildes, falando a todos honestamente, como convém (FONTES FRANCISCANAS, 2004, p. 160).

A minoridade perpassa pela a ação que os Irmãos devem ter para com os

outros, buscando assemelhar-se a Cristo, e tratar quem estiver doente como queriam ser tratados, este é o desejo de São Francisco para os frades. E sempre buscando na humildade e minoridade os fundamentos do amor ao serviço aos excluídos e marginalizados.

Dentro da proposta franciscana de evangelizar deve estar a “alegria”, pois a ação franciscana missionária deve levar a alegria ao próximo. Um dos pedidos que São Francisco faz aos frades é que levem a alegria, principalmente do Evangelho. Assim, os missionários devem ser alegres e levarem alegria àqueles que precisam. Desta maneira Celano (Fontes Franciscana, 2004, p. 382), narra o que Francisco diz aos seus irmãos: “[...] cuidem os irmãos para não se mostrar exteriormente sóbrios e tristes hipócritas, mas mostrem-se alegres no Senhor (cf. Is. 61,10), sorridentes, agradáveis e convenientemente simpáticos”.

A alegria do Senhor é que devemos mostrar aos outros, como também aos irmãos que nos acompanham na vivência do nosso carisma, isso que Francisco transmitiu aos frades. A alegria deve sempre prevalecer, pois, como nas celebrações da Santa Missa, o envio que o diácono faz aos fiéis, “A alegria do Senhor seja sempre a vossa Força” (MISSAL COTIDIANO, 1985, p. 585). Por assim dizer, temos o termo da “Alegria franciscana” que vem do nosso ser, e é transmita a todos.

### **3.2.3 Trabalhar com as mãos**

Por fim, vamos falar do trabalho com as mãos como dignidade do homem. Para Francisco, o trabalho também se torna uma oração, pois, quem trabalha com amor e alegria se torna uma oração. São Francisco fala muito do trabalho que os irmãos devem fazer através da Graça que Deus os confia na fidelidade e devotamente, como o próprio São Francisco escreveu na Regra Bulada:

Aqueles irmãos aos quais o Senhor deu a graças de trabalhar trabalhem fiel e devotamente, de modo que, afasta o ócio que é inimigo da alma, não extingam o espírito (cf. I Tm. 5, 19) da santa oração e devoção, ao qual devem servir as demais coisas temporais. Quanto ao salário do trabalho, recebam para si e para seus irmãos as coisas necessárias ao corpo, exceto moedas e dinheiro; e isto humildemente, como convém a servos de Deus e a seguidores da santíssima pobreza (FONTES FRANCISCANAS, 2004, p. 161).

O trabalho deve afastar o ócio, pois, se torna o inimigo da alma, isso ajuda o próprio amadurecimento do Consagrado a não se esquecer do espírito de oração e

devoção. Outro ponto, receber o salário. E São Francisco ressalta para não receber o salário em dinheiro, mas, viver da providência divina se dispondo a estar aberto a ação de Deus.

Portanto, a proposta franciscana evangélica, por esses fatores que foram citados ao longo desse tópico, está na inspiração divina e em acreditar na providência. Pois, quem está aberto à ação do Espírito, Deus lhe ajudará na forma da providência e na missão. Isso também ocorre na espiritualidade franciscana, no seguimento do evangelho, que inspira para a busca na perfeição no modo missionário, se compadecendo das pessoas excluídas. Assim, podemos observar que, seguindo a vontade do Senhor e acreditando na providência, a humildade evangélica do anúncio, aponta caminhos para o lançar das sementes do reino, com o intuito de colher os frutos na missão como o labor evangelizador no ministério.

### 3.3 VINHO NOVO EM ODRES VELHOS

Permeando a proposta franciscana na missão, tem em comum o ponto da comunhão, isto é, a união concreta de quem acredita no ideal evangélico que mostra o resultado de quem está aberto à missão, buscando no trabalho missionário a prática da misericórdia. Por assim, dizer, estando em comunhão, adentramos no campo vasto de misericórdia e seguindo o modelo de Cristo que foi o missionário por excelência do Pai.

Na ordem franciscana, principalmente os frades menores, se percebe o resultado que orienta na missão pelo mundo. No ano de 2013, ouve o Conselho Plenário da Ordem dos Frades Menores, em preparação para o capítulo geral que aconteceu no ano de 2014. No documento final, apontou caminhos para a missão e evangelização do frade nas diversas frentes de trabalho que das províncias e custodias.

Uma das questões que foram tratadas, foi sobre as estruturas que há nessas frentes de trabalho, pois, pode ocorrer que estruturas abafar a novidade do Evangelho, mas deve auxiliar na construção da evangelização. O centro de nossa espiritualidade é o Evangelho que nos guia em nossa missão evangelizadora. O documento vinho novo em odres novos diz:

[...] As estruturas não podem extinguir a novidade do Evangelho, mas devem tornar-se disponíveis a ele, superando o perigo da autorreferencialidade e entrando na perspectiva da interrelação, da interculturalidade, de uma dimensão fraterna afetiva e efetiva, atenta à vida dos outros na caridade evangélica (ORDEM DOS FRADES MENORES, 2013, p.9).

Como foi bem citado, na dimensão fraterna não se pode cair no perigo da autorreferência, pois, pode se cair no perigo de se auto vangloriar-se, e isso é um perigo na evangelização. O evangelista João narra o último testemunho de João Batista: “É necessário que ele cresça e eu diminua” (Jo. 3, 30). Assim, com esse referencial que é o Cristo, e deixando que Ele guie, através do evangelho, o sucesso na missão evangelizadora será grande, mais, deve-se deixar que Ele cresça dentro de cada um de nós. Este é o caminho fraterno da evangelização. Dentro do caminho fraterno, os irmãos tem que estar sempre em comunhão, como já disse São Francisco na narrativa de Celano:

Mas, embora o glorioso pai já estivesse consumado na graça diante de Deus e brilhasse com obras santas entre homens deste mundo (cf. Jo. 11, 9), no entanto, pensava sempre em começar coisas mais perfeitas e, como cavaleiro instruíssimo nos acampamentos de Deus (cf. Gn. 32, 2). [...] Abrasava-se, por conseguinte, o desejo muito grande (cf. Nm. 11, 4; Mt. 2, 10) de voltar aos primórdios da humildade e alegrando-se na esperança (cf. Rm. 12, 12) diante da imensidade do amor, pensava em levar de novo seu corpo à primeira servidão, embora já tivesse chegado ao extremo. [...] E quando por necessidade moderava o primitivo rigor por causa de sua enfermidade, dizia: ‘Comecemos, irmãos. A servir ao Senhor, porque até agora apenas pouco ou nada progredimos’ [...] permanecendo infatigável no propósito de santa renovação, esperava sempre começar (FONTES FRANCISCANAS, 2004, p. 269).

Como vemos na narrativa, Celano narra em poucas palavras os feitos de Francisco em toda a sua vida, e já preste a se entregar ao pai, ele faz o seu pedido aos frades que, “Comecemos, irmãos. A servir ao Senhor, porque até agora apenas pouco ou nada progredimos”. Muito pensava que ele estava delirando, mais não, Francisco mostra que sempre deve recomeçar, na alegria e no entusiasmo do Evangelho, buscando a comunhão fraterna, para que assim, o reino de Deus possa sempre estar presente onde o frade percorrer no anúncio da boa nova do reino. Ele ensina que, no recomeçar, é recordar o que já foi feito e buscar a perfeição nas coisas futuras que há de vir.

A comunhão fraterna, se torna um chamado fundamental na vocação do frade, pois sem a busca fraterna e não estando em plena comunhão, vamos dizer que está perdendo tempo. Estar ligado à comunhão fraterna é a parte fundamental do ser frade

menor, como diz o documento do conselho plenário da ordem:

O fundamento da vocação de cada Frade Menor é o chamado que Deus lhe dirigiu de viver em comunhão com Ele, com os irmãos e com o mundo inteiro, para 'observar o santo Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo, vivendo em obediência, sem nada de próprio e em castidade' (Rb 1,1) em nosso tempo e para o nosso tempo. Esta é a nossa Regra e vida (cf. CCGG 1 §1; para a fórmula de nossa Profissão (cf. CCGG 5). Este é um chamado essencialmente pessoal e é um grande mistério. Só pode ser compreendido na medida em que cada um de nós vivemos o Evangelho de Jesus Cristo, seguindo suas pegadas até chegar ao ponto de poder dizer: 'Fui crucificado com Cristo e já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim' (Gl. 2,19-20). Por isso, a exortação de Frei Francisco em sua Carta a toda a Ordem continua a falar-nos com uma atualidade ainda hoje válida como no tempo em que foi escrita: 'Portanto, nada de vós retenhais para vós, a fim de que totalmente vos receba Aquele que totalmente se vos oferece' (ORDEM DOS FRADES MENORES, 2013, p.11-12).

A comunhão é o complemento primordial para a vocação do frade, pois, quando Deus chama, já é com o intuito de estar em comunhão com tudo, vivendo os conselhos evangélicos, permitindo ser guiado para o grande mistério de união com Cristo, através do próximo. Assim, se torna uma retribuição dos dons que Deus concede, para que, não se possa guardar para si, mas oferecer para a construção da evangelização missionária em toda a ordem.

Nesta linha de pensamento, podemos destacar a comunhão na minoridade, pois, quem se aproprie de cargos ou de ser superior, não entendeu a proposta da regra, como diz na regra não bulada: "e ninguém se denomine prior, mas todos, sem exceção, sejam chamados de irmão. E lavem os pés dos outros (cf. Jo. 13, 14)" (FONTES FRANCISCANAS, 2004, p. 170). Essa chamada de atenção, nos aponta que, a nossa primeira vocação é de ser "irmão", e não de ser superior, buscando na simplicidade a diaconia principalmente nos pequenos gestos como o de lavar os pés. Cristo deu esse exemplo para nós, e Francisco reforçou para que cada frade possa seguir, isso é a busca da minoridade.

A minoridade, nos aponta o caminho da servidão. Francisco foi muito sábio quando colocou a nomenclatura de "Ministro", pois o ministro é aquele que está a serviço da fraternidade e o guardião de todos os frades, sendo o primeiro a exercer esse papel bonito de ser o servidor de toda a fraternidade. Assim, entra em plena comunhão, como nos retrata o documento conselho plenário da ordem:

Em seus escritos, Frei Francisco nos indica seu 'estilo tipicamente minorítico' de viver as relações fraternas e a autoridade "como servos e sujeitos a todos,



pacíficos e humildes de coração (CCGG 64), sem apropriar-se dos papéis e dos cargos. Na Regra bulada, lemos: ‘Onde estão e onde quer que se encontrarem os irmãos, mostrem-se mutuamente familiares entre si. E com confiança um manifeste ao outro a sua necessidade, porque se a mãe nutre e ama seu filho (cf. I Ts. 2,7) carnal, quanto mais diligentemente não deve cada um amar e nutrir seu irmão espiritual?’ (Rb 6,7-9; cf. também Rnb 9,10-11). Para garantir a dimensão relacional e recíproca da autoridade, Francisco reserva para si o título de ‘mãe’, e não o de pai, quando escreve a Frei Leão para indicar-lhe sua vontade (cf. Carta a Frei Leão 3) e na Regra para os eremitérios organiza a vida dos irmãos numa alternância de funções entre mães e filhos (ORDEM DOS FRADES MENORES, 2013, p.14-15).

Quando Francisco nos aponta relações fraternas e de autoridade, não é no sentido de autoritarismo, mais na autoridade de Jesus; “[...] porque as ensinava com autoridade e não como os escribas” (Mt. 7, 29). A autoridade de Jesus e a vivência da prática das boas obras, isto é, dando o testemunho com a vida, esse é o significado bíblico da autoridade. E Francisco deixa isso não só para os ministros e guardiães, mas também para os frades. Assim, a autoridade traz a minoridade como mestra do serviço ao próximo.

Desta forma, os frades são chamados a viver em plena comunhão fraterna em minoridade, esta que ajuda no serviço de diaconia e se colocar no lugar do outro como Jesus conta na parábola do bom samaritano:

Certo samaritano em viagem, porém, chegou junto dele, viu-o e moveu-se de compaixão. Aproximou-se cuidou de suas feridas, derramando óleo e vinho, depois colocou-o em seu próprio animal, e conduziu-o à hospedaria e dispensou-lhe cuidados (Lc. 10, 33-34).

Esta parábola nos ensina como é a diaconia, e o se colocar como menor, curando as feridas, cuidando como gostaria de ser cuidado. Também Francisco fala na regra “E se algum irmãos cair enfermo, os outros irmãos devem servi-lo como gostaria de ser servido” (FONTES FRANCISCANAS, 2004, p. 162). Por conseguinte, a minoridade perpassa no serviço aos irmãos, cuidando e amando como uma mãe que cuida de seus filhos, assim também deve ser o frade menor, na missão e na vida fraterna.

Desta forma, podemos afirmar que, a fraternidade que evangeliza, se estiver na disposição do evangelho pode chegar à perfeição evangélica e de missão. Quando se está disposta a escutar e colocar em prática as palavras de nosso Senhor Jesus Cristo. Se estiver capaz de percorrer o caminho que leva à santidade. Como demonstra o documento da Ordem dos Frades Menores:

Quando estivermos dispostos a escutar todos os dias 'as palavras de nosso Senhor Jesus Cristo, que é o Verbo do Pai, e as Palavras do Espírito Santo' (2 CF 3), então seremos capazes de percorrer o caminho da santidade em Fraternidade, anunciar o Evangelho a toda a criatura, acompanhar os homens de hoje na busca do Deus único e discernir os sinais dos tempos no Espírito do Senhor (ORDEM DOS FRADES MENORES, 2004, p. 31).

Portanto, para se chegar a perfeição evangélica, deve-se primeiro, estar pronto para escutar, estar disposto ao serviço e por fim, ser menor. Deste modo, tendo esse seguimento podemos compreender o caminho da santidade de da perfeição evangélica na qual, Francisco de Assis propôs através da regra da ordem, em sua vida e nas suas palavras. Todo o frade menor deve buscar essas virtude por toda a vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após, um longo trajeto de estudo sobre o que é a missiologia, bem como, conhecê-la perpassado os evangelhos sinóticos e atos dos apóstolos, e assim, chegar a uma leitura franciscana do envio missionário, faz bem, agora retomarmos à pergunta problema: como o agir franciscano pode responder à missão e evangelização nos dias atuais fazendo-se discípulos de Jesus?

O agir franciscano nós encontramos, inspirados em Jesus, no Evangelho de Mateus, Lucas, nas ações missionárias dos Atos dos Apóstolos, em Paulo e nos discípulos, no início da Igreja. Encontramos um agir da Igreja, a começar pelo início da Igreja com os apóstolos. Uma figura que é de muita importância foi Paulo, que iniciou com a Igreja missionária, através de suas viagens, e no transcurso do tempo com a expansão de missionários que deram a vida pelo Evangelho. Ao longo da história, a Igreja foi crescendo e tendo a ajuda dos padres da Igreja e seus ensinamentos. até no tempo de São Francisco, com a fundação da Ordem Franciscana, as primeiras missões e a expansão da missão franciscana pelo mundo.

Nos evangelhos, deparamos com o envio dos discípulos para a missão, podendo batizar todos aqueles que acreditarem no nome de Jesus. Como também, anunciar o reino de Deus, expulsando demônios, e desejando a paz a todos que encontrarem e forem recebidos. No evento de pentecostes a criação da Igreja e a saída dos apóstolos na missão que Jesus os enviou. Pois nos possibilitou pensar, e assim responder, que a missionaridade franciscana tem uma grande importância para a Igreja e para o mundo. Como também, no movimento franciscano ensina a prática do testemunho, o trabalho com as mãos, a vida minorítica etc. atitudes e virtudes que ajudam no caminhar e na evangelização, conforme nos ensina os Evangelhos.

E a segunda pergunta; que métodos e formas de evangelizar foram e são eficazes na missão no mundo atual? Os métodos utilizados pela Igreja são os mesmos que Jesus que utilizou e que até hoje nos inspiram, inclusive outros atualizados pela igreja, tais como apontado pelo Papa Francisco na Igreja em saída. Os métodos que a espiritualidade franciscana utiliza está baseada em Jesus Cristo, perpassando pela minoridade, o trabalhar com as mãos, anunciar a paz, alegria e ser uma fraternidade evangelizadora.

Qual a contribuição da missiologia franciscana para o mundo e para a Igreja hoje? A contribuição está praticamente inspirada nos métodos que foram utilizados,

venho aqui destacar: ser uma fraternidade evangelizadora, que agi na minoridade, na alegria. A missionaridade franciscana tem uma grande importância para a Igreja e para o mundo.

Assim, com o método que foram abordados, principalmente no que tangem para o crescimento da Igreja missionária com a espiritualidade franciscana. O Papa Francisco, sempre aborda a respeito de uma Igreja em saída, dando pista para que os fiéis juntamente com os consagrados que vivem o modo missionário na missão. Por isso deve-se também buscar uma vida minorítica, buscando viver na providência divina, através do trabalho com as mãos, sendo uma fraternidade evangelizadora.

Por conseguinte, o vasto campo de pesquisa atingiu os objetivos, buscando através das fontes bibliográficas, sabendo o que a Igreja e a Ordem Franciscana fizeram ao longo da história sobre as missões, e com os documentos, buscando melhorar para que tenham um bom êxito. A pesquisa poderia ter melhorado, no estudo mais aprofundado dos documentos da Igreja e da ordem, levando para uma amplitude e aprofundamento do tema que foi abordado, porém o tempo não propiciou.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTIN, Francisco. **Explicando o novo testamento:** os Evangelhos de Marcos Mateus, Lucas e Atos dos Apóstolos. Aparecida, SP: Santuário, 2008.
- AUNEAU, J., **Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos.** São Paulo: Paulinas, 1985.
- BALANCIN. Euclides Martins. **Como ler O EVANGELHO DE MARCOS Quem é Jesus?** São Paulo: 12ª impressão. Paulus, 2015.
- BENTO XVI, Papa. **Exortação Apostólica pós-Sinodal *Verbum Domini*** (Sobre a Palavra de Deus na Vida e na Missão da Igreja). São Paulo: Paulinas, 2010.
- BÍBLIA** Jerusalém. São Paulo. 7ª impressão: Paulus, 2002.
- BORTOLINI. José. **Roteiros Homiléticos:** anos A, B, C e festas e Solenidades. São Paulo: Paulus, 2015.
- CAMACHO. Juan Mateos Fernando. **O Evangelho de Mateus.** Caxias do Sul: Paulinas, 1993.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 3. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Loyola, Ave-Maria, 1993.
- COMBY, Jean. **História da Igreja I:** das origens ao século XV. São Paulo: Loyola, 1984.
- COPPI, Padre Paulo de. **Por uma Igreja toda missionária:** breve curso de missiologia. 11. ed. Florianópolis: Paulus, 1994.
- DICIONÁRIO AURÉLIO. Rio de Janeiro/RJ. Editora nova fronteira. 2000.
- DICIONÁRIO FRANCISCANO. Petrópolis/RJ. 2. ed. Vozes: 1999.
- DICIONARIO ENCICLOPEDICO BIBLICO. Publicado sob a direção do Centro: "Informática Bíblia" Abadia de Maredsous. Tradução Ary E. Pintarelli, Orlando A. Bernardi. São Paulo. Loyola: Paulus: Paulinas, 2013.
- ECO, Humberto. **O Nome da Rosa.** 18. ed. São Paulo: Nova Fronteira, 1983.
- ESCRITOS DE SÃO FRANCISCO. Organização e tradução: De Frei Celso Marcio Teixeira. 4. Ed. Petrópolis/RJ: Vozes; Brasília, DF: CFFB, 2013.
- FABRIS. Rinaldo. **Atos dos Apóstolos.** São Paulo: Paulinas, 1984.
- FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS. Apresentação Sergio M. Dal Moro; Tradução: Celso Marcio Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2004.

FONTES FRANCISCANAS. Petrópolis: Vozes, 2000.

FONTES FRANCISCANAS. Mensageiro de Santo Antônio. Santo André: ed. Mensageiro de Santo Antônio, 2005.

FRANGIOTTI, Roque. **História das Heresias (século I-VII)**. São Paulo: Paulus, 1995.

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium** (Sobre o anúncio do Evangelho no mundo). São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Fratelli Tutti** (Sobre a Fraternidade e a Amizade Social). São Paulo: Paulus, 2020.

JOÃO PAULO II, Papa. **Carta Encíclica Redemptoris missio** (Sobre a validade permanente do mandato missionário). São Paulo: Bíblios gráfica e editora, 1991.

KÜRZINGER, Josef. **Atos dos Apóstolos. Coleção novo testamentos comentário e mensagem**. Petrópolis: Vozes, 1984.

LANCELLOTTI, Angelo; BOCALI, Giovanni. **Comentário ao Evangelho de São Lucas**. Tradução de Antônio Angonese e Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1979.

LARRAÑAGA, Ignacio. **O Irmão de Assis**; tradução Jose Carlos Correia Pedroso. 20. ed. – São Paulo: Paulinas, 2012.

LITURGIA DAS HORAS. **Próprio da família franciscana**. Petrópolis: Vozes, 1999.

MACHADO, Frei Álvaro. **Condenação e tradução**: STÖGER, Alois. **O Evangelho segundo Lucas**. Primeira parte. Petrópolis: Vozes, 1973.

MISSAL DOMINICAL. 11ª reimpressão. São Paulo: Paulus, 1995, 2012.

MOSCONI, Luís. **Dar um sentido verdadeiro à vida**: o maior desafio do ser humano. 5. ed. São Paulo: Paulinas. 2011.

MOSCONI, Padre Luís. **A Vida é Missão**: para uma missiologia mística popular. 7. ed. Belém: ASMP, 2014,

NEVES, Eliete Silva Pereira das. **Caderno de Estudos**: Missiologia. Centro Universitário Leonardo da Vinci. Indaial: Grupo Uniasselvi, 2009.

ORDEM DOS FRADES MENORES. **Seguidores de Cristo para um Mundo Fraterno** (Guia para o Aprofundamento das Prioridades da Ordem dos Frades Menores (2003-2009)). Roma: Cúria Geral OFM, 2004.

ORDEM DOS FRADES MENORES. **Enviados a Evangelizar** em fraternidade e minoridade na Paróquia. Roma: Cúria Geral OFM, 2009a.

ORDEM DOS FRADES MENORES. **Portadores do Dom do Evangelho** Documento

do Capítulo Geral da Ordem dos Frades Menores. Roma: Cúria Geral OFM, 2009b.

ORDEM DOS FRADES MENORES. **Vinho Novo em Odres Novos** Documento do Conselho Plenário OFM. Roma: Cúria Geral OFM, 2014.

ORDEM DOS FRADES MENORES. **Ite, Nuntiate** Diretrizes sobre as Novas Formas de Vida e Missão na Ordem Dos Frades Menores. Roma: Cúria Geral OFM, 2017.

ORDEM DOS FRADES MENORES. **Quem tem ouvidos escute o que o Espírito diz aos Frades Menores hoje**: Documento do Conselho Plenário OFM. Roma: Cúria Geral OFM, 2018.

PIKAZA, J., **A Teologia de Lucas**. São Paulo: Paulinas, 1978.

ROTZETTER. Anton. **Como Deus nos Dias de Hoje**. Petrópolis: Vozes, 2003.

STORNILO. Ivo. **Como ler O Evangelho de Mateus o caminho de justiça**. São Paulo: Paulus, 1990.

STORNILO. Ivo. **Como ler o evangelho de Lucas**. São Paulo: Paulus, 1992.

STORNILO. Ivo. **Como ler OS ATOS DOS APÓSTOLOS o caminho do Evangelho**. São Paulo: Paulus, 1993.

STUHLMUELLER, Carroll. **Evangelho de Lucas**. São Paulo: Paulinas, 1975.

STANLEY. David Michael. **Evangelho de Mateus**. São Paulo: Paulinas, 1975.

TRILLING. Wolfgang. O Evangelho Segundo Mateus. **Coleção novo testamentos comentário e mensagem**. Petrópolis: Vozes, 1984.